FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para o trabalho em grupos

FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para o trabalho em grupos

instituto
fazendohistória

APRESENTAÇÃO

Estar em grupo nos dá a sensação de estarmos mais vivos. Pelo menos é assim para mim, me sinto inteira, muito viva, dentro de um grupo. Sempre acreditei no potencial deles. Fiz psicodrama que é uma técnica que aposta na força do grupo para o desenvolvimento das pessoas. Trabalho na Outward Bound, uma organização que trabalha com pessoas, vivendo experiências em grupo ao ar livre. Fiz terapia em grupo. Faço esportes coletivos, dentre eles a corrida de aventura. Em equipe!

Amo grupos.

Mas o que diferencia um grupo de uma junção de pessoas em um determinado lugar? Aliás, será que precisam estar no mesmo lugar? Precisam de um objetivo comum? Para ser grupo, será que precisamos juntar pessoas semelhantes ou pessoas diferentes? Ou será que esse critério não tem nada a ver e o que faz de um grupo um grupo é a afinidade?

Há várias teorias sobre grupos, e vários tipos de grupos, sem dúvida alguma. Aqui, neste guia, consideramos grupo as crianças e adolescentes que estão juntas, de forma atenta e cuidadosa consigo e com o outro com o desafio de se conhecer melhor a partir de histórias de livros, histórias pessoais e familiares. Neste cenário, o cuidado, o acolhimento, o encantamento, a possibilidade de identificação e de crescimento se potencializam.

Foi a partir desta visão que iniciamos os grupos do Fazendo Minha História e, depois de alguns anos, percebemos que tínhamos algo a compartilhar para que muitos pudessem trabalhar com histórias, únicas, fortes, importantes e muitas vezes difíceis, em grupo.

O olhar para a própria história pode ser muito mais acolhedor quando temos a certeza de que não estamos sozinhos: há outros que estão aqui comigo e entendem a minha dor. Há outros que viveram coisas mais difíceis e seguem sonhando e sorrindo para a vida. Há projetos que podemos realizar juntos. Há muita história para se fazer, e eu sou o autor e o protagonista da minha. E assim, do encontro com o outro, fortalece-se o encontro com si mesmo.

Bons encontros, com cada criança e com cada adolescente, agora em grupo.

Claudia Vidigal
Sócia-fundadora do Instituto Fazendo História

ÍNDICE

1. O PROGRAMA 08

1.1 Introdução 09
1.2 O surgimento do FMH em grupos 11
1.3 O olhar para as histórias de vida 13
1.4 Parceria com a Instituição de acolhimento 16
1.5 O que é o grupo do FMH 17

2. AO INICIAR O TRABALHO 18

2.1 Participantes 19
2.2 Espaço físico 23
2.3 O apoio 24
2.4 Duração 25

3. O FACILITADOR DO GRUPO 28

3.1 Seu papel 29
3.2 Sua atuação 31
3.3 Sua formação 34

4. O GRUPO EM MOVIMENTO 36

4.1 Rituais 37
4.2 Mediação de leitura 39
4.3 As atividades 42
4.4 Registros 44
4.5 Entradas e saídas do grupo 45

5. ATIVIDADES 48

5.1 Desenvolvimento 49
5.2 Possibilidades de adaptação 49
5.3 Preparação 53
5.4 Brincadeiras 54
5.5 Cardápio de atividades 57
5.6 Lista de temas para atividades 74

6. ESPECIFICIDADES DE GRUPOS COM ADOLESCENTES 76

6.1 Características fundamentais 77
6.2 No grupo do FMH 79

7. PLANEJAMENTO E ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO 82

Bibliografia de apoio 87

Créditos 91

Agradecimentos 91

O PROGRAMA

1.1 INTRODUÇÃO

O **Instituto Fazendo História** é uma organização não governamental fundada no ano de 2005 em São Paulo com a missão de colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes acolhidos em abrigos, trabalhando junto à sua rede de proteção a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem a própria história. O Instituto surgiu através das ações do programa Fazendo Minha História (iniciadas em 2002) e atualmente, além deste, possui outros três programas: **Com Tato**, que propõe o atendimento psicoterapêutico a crianças e adolescentes a partir da formação de uma rede de psicólogos e supervisores clínicos; **Perspectivas**, que trabalha com formação e capacitação junto aos gestores dos abrigos, educadores e equipe técnica, e **Palavra de Bebê**, que enfoca o vínculo entre bebês e adultos (pais e educadores) ao longo do período de abrigamento.

O programa **Fazendo Minha História** tem como objetivo proporcionar meios de expressão para que cada criança ou adolescente em situação de acolhimento institucional possa entrar em contato, conhecer e registrar sua história de vida. Busca ainda despertar nas crianças e adolescentes o gosto pelo mundo das histórias em geral, pela possibilidade de compartilhá-las e escutá-las e, em especial, desenvolver o prazer pela leitura.

Em seu formato original, o projeto ocorre através da realização de encontros semanais entre a criança e um adulto de referência nos quais, a partir da construção de um vínculo de confiança, a dupla realiza diversas atividades com a finalidade de construir um álbum da história de vida de cada um. Este álbum pertence à criança e ao adolescente, e deve trazer informações sobre sua identidade, seu passado, seu presente e seus sonhos para o futuro.

1.2 O SURGIMENTO DO FMH EM GRUPOS

Em muitos momentos, na parceria com as instituições de acolhimento (os abrigos), o FMH aconteceu no formato de grupos: para responder a uma demanda de continuidade com crianças e adolescentes, que já haviam encerrado seus processos individuais e queriam um espaço para continuar o FMH; como estratégia experimental para buscar viabilizar o envolvimento e participação dos educadores do abrigo no projeto; pela falta de colaboradores suficientes para realizarem encontros individuais com todas as crianças em um determinado abrigo. Neste formato, o educador, dentro de sua rotina de trabalho, pode ser um condutor das atividades.

UM LUGAR PARA A MINHA HISTÓRIA

Ao final do grupo, as crianças começaram uma conversa diferente: Mariana contou um segredo para Mirela, e depois para mim: disse que tinha vergonha da sua mãe porque ela era louca. Então, Mariana, Mirela e Luis começaram a conversar comigo sobre suas mães e pais, contando porque não podem morar mais com eles. Sentindo-se seguros e acolhidos dentro desse pequeno grupo, cada um estava ali compartilhando o motivo do seu acolhimento. Faziam perguntas um para o outro e foram descobrindo que existem interlocutores para sua história. A Mariana quis registrar um pouco disso numa folha e colou no álbum dentro de um envelope bem fechadinho. No final pediram que continuassem conversando no próximo encontro do grupo. Foi importante descobrirem que existe esse lugar para falarem e que as suas histórias têm valor.

Julia Eid, técnica do FMH

O trabalho em grupo revelou-se uma estratégia produtiva para trabalhar a expressão e compartilhamento das histórias de vida nas instituições de acolhimento. Nos grupos, quando é possível construir um espaço de respeito e confiança, cada criança/adolescente pode compartilhar suas histórias percebendo temas e situações parecidas nas vivências de outros. Isso gera uma aproximação afetiva entre algumas crianças e adolescentes e uma maior compreensão de cada um sobre sua própria história. O grupo mostra também que não existem histórias somente tristes ou somente alegres – alegrias, tristezas, mortes, chegadas, despedidas e diversos sentimentos fazem parte da vida de todas as pessoas. É uma oportunidade de acolhimento a todos no sentido de que não estão sozinhos em seu universo de dificuldades e possibilidades.

O espaço do grupo permite que, através do contato com relatos de outros participantes, cada criança e adolescente identifique-se com as histórias dos demais e possa mobilizar e elaborar a sua. O grupo pode levar, assim, à construção de novas compreensões a respeito de si mesmo e do outro, possibilitando o relacionamento com as diferenças e a aprendizagem de novas formas de lidar com as situações da vida.

As crianças e adolescentes nas instituições de acolhimento estão na maior parte do tempo em grupos e nesta convivência diária, a todo momento, expressam e revelam suas histórias de vida. Cada um tem formas diferentes de reagir a situações desconfortáveis e angustiantes – por exemplo, frente a uma mesma situação uma criança pode querer "quebrar coisas", enquanto outra pode ficar "chorando quietinha". Assim, as histórias das crianças e adolescentes permeiam todos os conflitos cotidianos das instituições de acolhimento. Quanto mais houver espaços para expressão e elaboração dessas histórias, menos reações descontroladas surgirão e mais ferramentas a equipe terá para manejar situações de conflito e ajudar as crianças e adolescentes a se fortalecerem.

O trabalho com as histórias de vida em grupo, em um espaço protegido e com a mediação de um adulto, possibilita a construção de novas formas de se relacionarem, trazendo uma mudança na convivência dentro do grupo e, consequentemente, no cotidiano da instituição.

PARA PENSAR

É possível fazer o Fazendo Minha História em grupo numa casa em que as crianças são muito agitadas e agressivas?

O grupo é um espaço protegido, dentro do abrigo, no qual aquilo que é vivido no dia-a-dia das crianças e adolescentes pode se repetir e, a partir da mediação do facilitador e da troca com os outros integrantes, pode se transformar. O grupo pode ajudar as crianças e adolescentes a "reorganizarem" seus afetos, dando novos sentidos a eles. Em casas agitadas, quando conseguimos implementá-lo, ele se torna um grande aliado para que as crianças e adolescentes encontrem novas formas de se relacionar. São facilitadores neste processo: um espaço fixo para o grupo (acontece sempre no mesmo lugar); um horário fixo; começar com poucas crianças (3 ou 4) e ir ampliando o grupo; colocar pelo menos uma ou duas regras para a "entrada" no grupo, por exemplo: não pode correr ou gritar, pode escolher o livro de leitura e esperar sua vez (caso não saibam ler). A regra de convivência proposta deve ser seguida e o adulto fica atento a ela.

1.3 O OLHAR PARA AS HISTÓRIAS DE VIDA

A rotina de uma instituição de acolhimento é normalmente cheia de novos acontecimentos – lotada de tarefas, encaminhamentos e emergências. Nesta dinâmica, educadores em seu dia-a-dia "correm" para dar conta de tarefas urgentes: acordar as crianças, dar banho, comida, escola, levar ao médico, terapia, entre outras tantas, que sistematicamente vão deixando pouco ou nenhum espaço para tarefas não urgentes, mas importantes como: conversar com uma criança sobre como foi seu dia, o que aprendeu na escola, ler uma história ou fazer um registro sobre alguma observação importante.

A prática do FMH nas instituições de acolhimento introduz a concepção do trabalho cotidiano a partir do olhar para as histórias de vida de cada criança e adolescente acolhido.

Para que as histórias de vida se tornem um instrumento que ajude a compreender o cotidiano da casa e as relações que ali se constroem, é preciso que circulem entre a equipe e que existam espaços onde sejam discutidas, pensando-se em encaminhamentos. Assim, conseguimos construir uma atuação menos repressora e mais acolhedora, onde apesar de ter um limite claro, a criança ou adolescente tem a chance de rever o seu comportamento.

Oferecer às crianças e adolescentes ferramentas para que possam se conhecer, se descobrir, se apropriar de suas histórias, gostos, desejos e, assim, construir seus projetos de vida permite à equipe da instituição construir encaminhamentos que estejam verdadeiramente pautados na identidade familiar e pessoal de cada jovem acolhido. Um instrumento importante para a apropriação/ compreensão da história da criança/adolescente, suas dificuldades e desafios é o Plano Individual de Atendimento. Previsto no ECA (artigo 101), é um dos instrumentos que a instituição de acolhimento usa para orientar seu trabalho de intervenção. Construído a partir do diagnóstico das particularidades de cada caso, este instrumento busca estabelecer um planejamento das estratégias de ações, apontando responsáveis e prazos, desde a entrada da criança ou adolescente na instituição, devendo ser revisado, no máximo, a cada 6 meses.

A organização das atividades do projeto Fazendo Minha História dentro da instituição em dias e horários ajuda a garantir que aconteçam de forma sistemática e que o espaço semanal para expressão e registros das histórias seja garantido. No entanto, considerar as histórias de vida não se restringe a esses horários, porque dá sentido a cada conduta da criança, devendo fazer parte da rotina dos educadores.

ECA ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

ARTIGO 101

§ 4o Imediatamente após o acolhimento da criança ou do adolescente, a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um plano individual de atendimento, visando à reintegração familiar, ressalvada a existência de ordem escrita e fundamentada em contrário de autoridade judiciária competente, caso em que também deverá contemplar sua colocação em família substituta, observadas as regras e princípios desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)

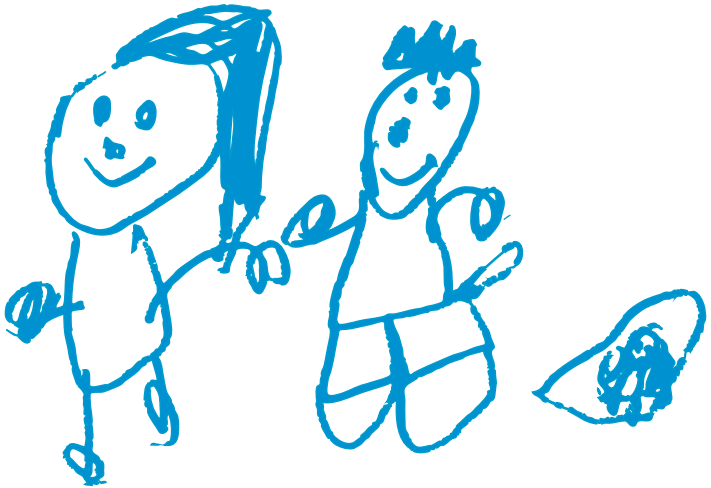
§ 5o O plano individual será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento e levará em consideração a opinião da criança ou do adolescente e a oitiva dos pais ou do responsável. (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)

§ 6o Constarão do plano individual, dentre outros: (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)

I os resultados da avaliação interdisciplinar; (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)

II os compromissos assumidos pelos pais ou responsável; e (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)

III a previsão das atividades a serem desenvolvidas com a criança ou com o adolescente acolhido e seus pais ou responsável, com vista na reintegração familiar ou, caso seja esta vedada por expressa e fundamentada determinação judicial, as providências a serem tomadas para sua colocação em família substituta, sob direta supervisão da autoridade judiciária. (Incluído pela Lei nº 12.010 , de 2009)



1.4 PARCERIA COM A INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

Ao ser definido o início de um grupo do FMH em uma instituição de acolhimento, é necessário ser estabelecida uma relação de parceria com a coordenação, pois é ela que buscará garantir as condições para um bom trabalho, como a capacitação dos educadores para se apropriarem do FMH, a estabilidade dos membros da equipe e a organização do espaço físico.

É a coordenação que deve promover toda a articulação necessária para que a rotina da casa esteja organizada para o acontecimento do grupo: as crianças e adolescentes devem estar preparados com antecedência e aqueles que não participarem devem ter clareza do que farão, com quem e onde ficarão de modo que o grupo não seja interrompido.

Quanto aos educadores, aqueles que forem coordenar o grupo devem ter esta como sua única função naquele momento, e o restante da equipe deve estar disponível para dar conta das outras necessidades das crianças e adolescentes.

É essencial, portanto, fazer um contrato claro e consistente não só com a coordenação, mas com toda a equipe da casa.

1.5 O QUE É O GRUPO DO FMH

O grupo do FMH é um espaço de expressão e compartilhamento das histórias, no qual a participação das crianças e adolescentes não é obrigatória, mas apresentada sempre como um convite. Este espaço conta com a presença de um adulto facilitador que auxilia as crianças e adolescentes a compreenderem suas histórias e comunicarem os afetos ligados às experiências relatadas.

O jeito como cada integrante participa do grupo é bastante variável. Uns aderem a tudo que é oferecido, outros gostam apenas de ouvir histórias e há também os que são somente observadores. E, assim, o grupo se constitui como um espaço aberto, livre para cada um encontrar sua maneira de participar.

Sendo constantemente transformado e renovado, o grupo acolhe crianças e adolescentes que possuem forte vínculo entre si e crianças e adolescentes cujo vínculo está começando a se formar; crianças e adolescentes que estão prestes a sair, crianças e adolescentes que estão acolhidos há bastante tempo e aqueles que acabaram de chegar.

AO INICIAR O TRABALHO

Ao formar um grupo, alguns aspectos devem ser considerados, tais como: a idade dos participantes, o número de participantes, o espaço físico onde será realizado e as características individuais de cada integrante.

2.1 PARTICIPANTES

QUEM SÃO?

Nem todas as crianças e adolescentes estão prontas para ingressar em um grupo. Independentemente da idade, alguns não estão emocionalmente preparados para participar de um grupo com o foco em história de vida. De um modo geral, são crianças que demandam uma atenção individual, necessitando primeiro formar um vínculo estável e de confiança com um adulto de referência para depois ter a segurança para participar de um grupo maior. Algumas vezes pequenos grupos podem suprir essa necessidade, em outras vale a pena investir em um processo individualizado.

Para verificar quais são as crianças que se beneficiam de um grupo e quais são aquelas que necessitam de um trabalho individual pode-se fazer alguns encontros iniciais com cada uma. São encontros preparatórios que introduzem a criança ao Fazendo Minha História, ao mesmo

tempo em que podem revelar ao adulto atento que aquela criança necessita de um tempo "a dois" antes de entrar no grupo.

Esses encontros preparatórios consistem em apresentar a criança e o adolescente ao FMH, se apresentar como facilitador do grupo e contar um pouco sobre o funcionamento do mesmo e, principalmente, fazer algumas páginas no álbum, como as páginas da identidade, da família, da árvore genealógica e do dia em que chegou ao abrigo. Os encontros iniciais colocam em movimento na criança um olhar para si e para sua história e podem dar a ela uma sustentação para entrar no grupo.

É possível que, durante os grupos, uma criança dê indícios de que ainda não está preparada para participar dos encontros, por exemplo, quando compartilhar ou esperar se tornam muito angustiantes. Nestes casos, é importante conversar com a criança sobre suas impressões e oferecer a ela outro espaço em que possa elaborar sua história de vida e suas vivências de acolhimento sentindo mais segurança e menos ameaça. O desafio pode ser grande demais para alguns.

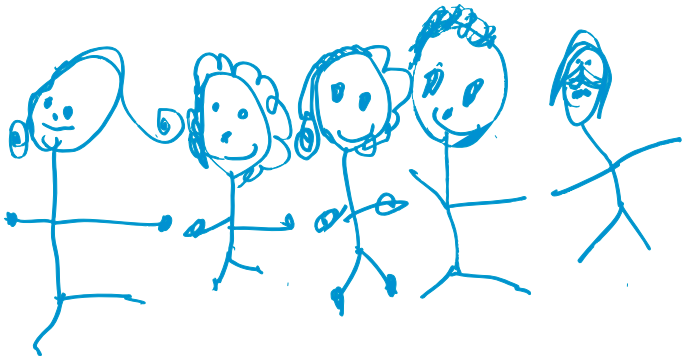
SENTINDO INSEGURANÇA NO GRUPO

Alexandre, 5 anos, tinha chegado recentemente ao abrigo. Na primeira vez que participou do grupo, ficou "fora de si" diante da tarefa de se representar através de um desenho. Rasgou a folha, disse que era horrível, ficou furioso e bateu em todo mundo. No segundo dia, durante o curto espaço de tempo que Alexandre permaneceu no encontro, brigou com os participantes que olharam para ele e cuspiu em quem se aproximou dele. Logo se percebeu que o grupo não oferecia a ajuda que Alexandre necessitava. Por esse motivo, foi proposto o seu afastamento do grupo e um educador se comprometeu a "fazer história" individualmente com ele, auxiliando-o a discriminar o que é seu do que é do outro e a nomear seus sentimentos. Ficou combinado com o abrigo que todos ficariam atentos para a possibilidade de seu retorno ao grupo, quando fosse possível falar de si e de sua história.

Mahyra Costivelli, técnica do FMH

QUANTOS SÃO?

Ao iniciar um grupo, é recomendável que ele tenha cerca de 5 participantes. Esse é um número que permite ao facilitador observar cada participante, dar conta das solicitações feitas a ele durante o grupo, ajudá-los na realização das atividades e planejá-las contemplando as necessidades e capacidades de cada um dos integrantes. O número de participantes de um grupo pode variar muito e deve ser definido a partir do quanto o facilitador se sente seguro para conduzir, seguindo os princípios do projeto. É claro que o perfil das crianças e adolescentes ajudará o facilitador a tomar essa decisão e, tratando-se de um educador que está experimentando esse papel pela primeira vez, é fundamental que se sinta seguro, iniciando esse novo papel com grupos menores.

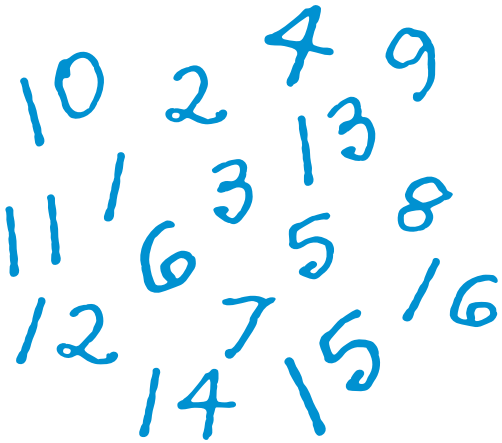


Deve-se sempre ter em vista se o número de participantes está favorecendo ou dificultando o andamento do grupo. Por exemplo, um grupo com doze crianças pode ser mais desorganizador que acolhedor, deixando de promover um momento agradável de envolvimento com as histórias. Nesse caso, pode-se dividir o grupo em dois. Por outro lado, um grupo de 3 crianças pode ter uma dinâmica desinteressante e a entrada de 2 novos componentes poderá enriquecer o grupo. Ou seja, nem sempre os menores ou os maiores grupos são os melhores. É preciso sensibilidade para compreender o que cada grupo precisa para se tornar mais rico e mais acolhedor.

Uma indicação comum é de que quanto menor a idade dos integrantes, menor seja o grupo, já que crianças pequenas precisam de uma referência constante, presente e que a olhe de maneira individualizada. Há ainda os desafios motores como recortar e colar, que para os pequenos é difícil e necessita de muita supervisão, e a parte da escrita que também requer total empenho do facilitador para que os registros sejam garantidos.

QUAL IDADE?

Os grupos do FMH podem ser realizados com crianças e adolescentes de todas as idades. A idade é um fator importante a ser considerado na formação de um grupo. Quando se usa esse critério para dividir os grupos, as crianças tendem a se sentir mais seguras, facilitando a expressão individual e espontaneidade. Uma possibilidade da divisão de grupos é entre crianças e adolescentes.



Pode-se optar por fazer uma divisão em que o critério seja o domínio da leitura e escrita, levando-se em consideração o tipo de atividade que será proposta para cada grupo. Outra possibilidade é separar as crianças com domínio da leitura e escrita entre os dois grupos, propondo um "equilíbrio". Formas de divisão de grupo baseadas em outros critérios também acontecem, como por exemplo, a agenda de cada criança, grupos familiares ou meninos e meninas.

PARA PENSAR

Ao montar um grupo, devo deixar irmãos juntos no mesmo grupo ou separá-los?

A cada caso, devem ser analisados os ganhos e problemas gerados pela junção ou separação de irmãos. Não há uma regra que defina esse critério de uma só maneira. Por exemplo, uma dupla de irmãos que funciona como uma unidade (um manda no outro, um é muito agressivo e o outro muito afetuoso...) pode se beneficiar da separação proposta durante a atividade do FMH para se perceberem individualmente. Por outro lado, irmãos que participam do mesmo grupo podem se ajudar resgatando lembranças de suas histórias e o vínculo entre eles pode ser fortalecido.

Grupos com crianças menores de 5 anos podem ser realizados contanto que o foco seja a exploração do lúdico e da mediação de leitura, pois é desta forma que elas se relacionam e trazem suas histórias. Os álbuns, nestes casos, devem ser realizados por uma pessoa de referência para aquela criança, com quem ela construiu (ou pode construir) um vínculo afetivo significativo. As fotos tiradas nesses encontros são material importante para confecção do álbum de cada uma. Por vezes os registros no álbum ocorrem no grupo, mas os desafios são grandes. Neste sentido, enfatizamos a necessidade de serem grupos pequenos ou duplas.

2.2 ESPAÇO FÍSICO

É importante encontrar dentro da casa de acolhimento um espaço reservado onde os grupos acontecerão. Este espaço pode ser a sala de jantar, um cômodo pouco utilizado, um pátio. O importante é que o acesso a ele seja restrito aos integrantes do grupo, de modo que fique protegido de interrupções externas. Vale pensar em estratégias para deixar o ambiente mais agradável, como, por exemplo, colocar um tapete grande delimitando o espaço do grupo, almofadas, uma luz mais prazerosa.

Vale lembrar que a definição de um ambiente para a realização dos grupos não exclui a possibilidade de realizá-los em outros espaços. Grupos no jardim, no quintal, em parques, passeios, na rua, podem produzir boas histórias!

2.3 O APOIO

Enquanto um grupo do FMH está acontecendo, é preciso que um educador fique com todas as outras crianças e adolescentes da casa que não participam daquele grupo – esse educador faz o papel de apoio. O apoio é muito importante para o grupo acontecer e não ser interrompido.

Apesar de ser difícil garantir que nenhuma interrupção aconteça, é importante saber que isso causa um efeito no grupo.: quebra a atividade, causa incômodo nos participantes, traz o sentimento de invasão e pode interromper uma história que estava difícil para contar.

FAZENDO HISTÓRIA NO PARQUE

Uma vez fizemos o encontro do grupo em um parque perto do abrigo. Foi muito gostoso estarmos juntos em um ambiente que fazia parte dos passeios das crianças aos finais de semana. Elas contaram muitas histórias que se passaram naquele cenário e aproveitamos para tirar fotos.

Taísa Martinelli, técnica do FMH

2.4 DURAÇÃO

O tempo de duração do grupo varia de acordo com a organização da rotina do abrigo, disponibilidade do facilitador, idade e quantidade de integrantes, proposta de atividade, entre outros fatores. Em geral, uma hora e meia é um período suficiente para realizar um grupo do FMH. É importante que a duração do grupo seja combinada com seus membros e mantida semanalmente. Entretanto, pode haver exceções, caso seja proposta uma atividade mais longa ou ocorra mudança na rotina da casa que exija que termine mais cedo.

Um outro ponto importante que deve ser levado em consideração é a duração do grupo ao longo dos meses, dos anos. Quando um grupo é encerrado?

O fato de as crianças e adolescentes estarem nas casas de acolhimento em caráter provisório torna a rotatividade dos integrantes algo comum dentro dos grupos do FMH. Isso quer dizer que os grupos estão em constante transformação e é importante que a cada encontro, as atividades tenham começo, meio e fim. Apesar disso, um grupo não se encerra com a saída de um de seus integrantes.

Algumas crianças e adolescentes que participam do FMH durante alguns anos podem sentir vontade de deixar o grupo. É importante respeitar essa decisão e deixar claro que tem a possibilidade de retomar as atividades no futuro ou, no caso do adolescente, continuar sozinho seus registros.

Um grupo pode se encerrar quando o facilitador, por algum motivo, não pode mais realizar este trabalho (e não se encontra um substituto para ele), ou quando se percebe que a realização do grupo deixou de ter um sentido.

Sempre que um grupo se encerrar, é importante realizar um fechamento com os participantes através de rituais, registros, recuperação da história do grupo, para que esse término possa ser vivido como uma transformação e não como um rompimento. Deve-se deixar claro o motivo do encerramento e abrir espaço para cada participante expressar, cada um a seu modo e de acordo com suas possibilidades, suas vivências, impressões, sentimentos em relação a esse encerramento.

O FACILITADOR DO GRUPO

3.1 SEU PAPEL

O facilitador do grupo é o colaborador, educador ou técnico do programa que assume responsabilidade com as crianças e adolescentes e a tarefa de "fazer história". Um grupo pode possuir mais de um facilitador atuando em conjunto ou em semanas alternadas, o que pode acontecer, por exemplo, no caso de educadores em diferentes plantões.

É uma autoridade, uma figura de referência que garante os combinados coletivos e o clima de confiança e segurança necessário para a expressão e compartilhamento das histórias. Deve demonstrar interesse autêntico pelas vivências de cada participante e disponibilidade para acolher as histórias, sentimentos e comportamentos dos integrantes. O facilitador deve compreender que as questões emocionais ligadas às histórias de vida surgem através das relações entre os integrantes e precisam ser trabalhadas, ou seja, precisam ser faladas, compreendidas, compartilhadas e autorizadas a serem sentidas.

Ao mesmo tempo em que conduz o encontro coletivo, o facilitador do grupo do FMH não perde de vista a individualidade e a história de cada um. A história de cada criança e adolescente presente se manifesta no coletivo e a maneira como o facilitador lida com ela deve ser singular, considerando as particularidades e necessidades de cada um.

O facilitador é uma pessoa comprometida com a importância do trabalho a partir das histórias de vida e por isso tem clara a necessidade de ser uma figura estável, sempre presente do começo ao final dos grupos, desenvolvendo um vínculo afetivo significativo com os participantes e favorecendo a relação entre eles.

Sendo um trabalho que envolve relacionamentos afetivos, é importante que o facilitador esteja atento ao que sente durante os encontros, pois suas emoções podem se misturar com as dos membros do grupo. É interessante existirem espaços de supervisão e reflexão, nos quais seja possível falar das suas dificuldades, angústias e frustrações, muito comuns no desenvolvimento do grupo. Também é nesse espaço que o facilitador encontra ressonância para suas "pequenas grandes conquistas" como a possibilidade de duas crianças falarem de suas famílias, compartilharem seus sonhos e aprenderem a gostar mais de si e do outro.

A partir do exposto acima seguem algumas características essenciais ao facilitador de grupo do FMH: flexibilidade, sensibilidade, afetividade, criatividade, paciência, responsabilidade, pontualidade, postura ética, capacidade reflexiva, gosto pela leitura, gosto pelo registro das histórias.

PARA PENSAR

Coordeno um grupo com João, um menino que faz muita bagunça com o material do FMH: derruba tinta, espalha papéis e deixa tudo cair no chão. Eu fico muito irritada com a bagunça dele e só consigo colocar alguma ordem quando falo que deve aprender a se comportar para sua mãe lhe querer de volta.

Esse modo de intervir, que tem a intenção de controlar a bagunça de João, é um exemplo de uso abusivo do poder. A facilitadora não leva em consideração as necessidades do menino e suas palavras de culpabilização da criança pelo acolhimento podem gerar agravamento sério no sintoma apresentado por João. Ao invés de culpar João, a facilitadora poderia pensar que ele está se sentindo angustiado e amedrontado e não consegue entender o que se passa com ele. Por isso, precisa do adulto para ajudá-lo a compreender e nomear o que está acontecendo.

3.2 SUA ATUAÇÃO

O facilitador do grupo do FMH é um modelo para as crianças e adolescentes. Por isso, é necessário que ele adote sempre uma postura ética e cuidadosa no trato com os participantes e suas histórias. É preciso cuidar do vínculo estabelecido com cada um e garantir que não se façam mau uso dos conteúdos trazidos no grupo, como por exemplo, usar uma informação da história da criança contra ela em um momento de raiva e descontrole. Ao mesmo tempo, é importante ter clareza dos contextos e do papel do educador – o que acontece e é dito no grupo fica no grupo e pode ajudar a entender o que acontece em outras situações. O educador pode compartilhar dados com a equipe da casa se considerar que isso ajuda no atendimento da criança/adolescente.

O facilitador se torna uma referência e um modelo não só através do que comunica pela fala, mas também através de sua postura, ações e expressão corporal. Por isso, deve estar atento ao seu próprio modo de agir. Por exemplo, ao pedir para o grupo fazer silêncio, não fazê-lo usando um tom de voz alto, reproduzindo exatamente aquilo que não deseja para o grupo.

É necessário que se faça logo no início do trabalho, após a apresentação dos objetivos e da adesão espontânea de um determinado grupo,

um contrato de respeito para com as histórias dos colegas. O dia, horário, duração e local dos encontros, bem como a participação opcional dos participantes devem ficar bem claros neste primeiro contrato grupal.

Os grupos do FMH são caracterizados pela liberdade de expressão. Isso não quer dizer que tudo pode! Os limites e regras são necessários na medida em que protegem os participantes: freqüentemente, crianças e adolescentes, através de suas atitudes, pedem limites ao facilitador, pois estes lhes revelam que estão sendo olhados, cuidados e protegidos pelo adulto.

As regras garantem a organização do encontro. Quando não são apenas impostas, mas construídas coletivamente, tendem a auxiliar na implicação dos participantes pela responsabilidade do andamento do grupo. No entanto, é importante que o facilitador esteja atento ao número de regras, estabelecendo junto ao grupo apenas as essenciais. Um encontro cheio de "não pode" dificulta a possibilidade de expressão dos participantes e impede que o grupo proposto pelo FMH atinja seus objetivos.

PARA PENSAR

Sou o facilitador de um grupo e comecei a sentir muita raiva de uma menina pois ela está sempre me atacando verbalmente.

O que fazer com esse sentimento é uma reflexão essencial, pois, através da raiva que sente, o facilitador tem a possibilidade de compreender a menina e ajudá-la a se reconhecer. Se o facilitador consegue perceber a agressão da menina como uma comunicação, não apenas como um ataque pessoal, pode se colocar mais empaticamente na situação e oferecer a ajuda necessária. Claro que isso não significa que ele irá deixar a menina lhe agredir! Quando compreende que a raiva que está sentindo pode ter relação com uma raiva que a menina sentiu diante de situações de sua história em que viu ameaçada sua integridade, é capaz de encontrar intervenções mais adequadas à situação.

ACOMPANHANDO NAS DIFICULDADES

Tiago, de 9 anos, não conseguia realizar a atividade planejada para o grupo durante o encontro e ficou muito agitado. Exigia minha atenção constantemente e cada vez que eu falava com outra criança do grupo ele falava alto comigo, dizendo que eu não olhava para ele e não o ajudava. Repetidas vezes voltei-me a ele, ajudei-o, mas assim que virava de costas Tiago rasgava o que tinha sido produzido. No final do grupo, chamei-o para conversar para tentar entender o que estava acontecendo. Ele falava repetidas vezes que não era bom, que nada do que fazia dava certo. Chorava muito. Achei que naquele momento era importante mostrar que era possível recuperar aquilo que tinha destruído. Ajudei-o na atividade e conversamos sobre como é difícil quando as coisas não vem do jeito como as imaginamos. Ele ficou sentado do meu lado, em silêncio, lendo alguns livros, e me deu um abraço antes de sair.

Julia Eid – técnica do FMH

Deve-se atentar à participação de cada um no grupo: às vezes, alguns se expõem mais por terem facilidade para falarem de si, enquanto outros preferem observar. É importante dar oportunidade para que todos participem e inclusive ajudar cada participante a perceber sua postura no grupo, mas sempre deixando claro que podem escolher os momentos nos quais querem se colocar ou não.

3.3 SUA FORMAÇÃO

Para se tornar facilitador de um grupo do FMH é necessário que a pessoa se identifique com os objetivos do programa e que acredite que o trabalho é importante para a construção da identidade de crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

A formação inicial do candidato a facilitador de grupo se dá através encontros de sensibilização para o trabalho com as histórias de vida, oferecidos pela equipe do Fazendo Minha História. São encontros teóricos e práticos que têm o objetivo de sintonizar o candidato com os ideais e o modo de trabalhar do programa.

Após passar pela formação inicial, havendo interesse e desejo em iniciar o trabalho, o facilitador assume a responsabilidade pela tarefa de fazer história junto a um grupo.

Ao longo do trabalho são oferecidos suportes, supervisões e orientações pela equipe do Fazendo Minha História, bem como sistemáticos encontros de capacitação para o trabalho.

PARA PENSAR

Sou facilitadora de um grupo em que prevalece um clima desagradável de xingamentos e piadinhas entre os integrantes. Logo que iniciou esse trabalho, preferi não colocar tantos limites às brincadeiras de mau gosto porque achei que os meninos deixariam de participar dos encontros. Agora, transcorridos meses de trabalho, comecei a reclamar com o grupo sobre as piadinhas, mas não me dão ouvidos.

Através desta experiência, percebe-se a importância do facilitador cuidar do clima dos encontros, desde o início do trabalho, impedindo que o espaço do Fazendo Minha História abrigue relações destrutivas. Os grupos devem oferecer segurança para que crianças e adolescentes se sintam à vontade para expor seus pensamentos e sentimentos, arriscar e errar. Não é impossível, mas é bem mais difícil mudar a dinâmica de funcionamento de um grupo após ter permitido – e, de certa forma, autorizado - que os integrantes se relacionem de maneira inadequada.

O GRUPO EM MOVIMENTO

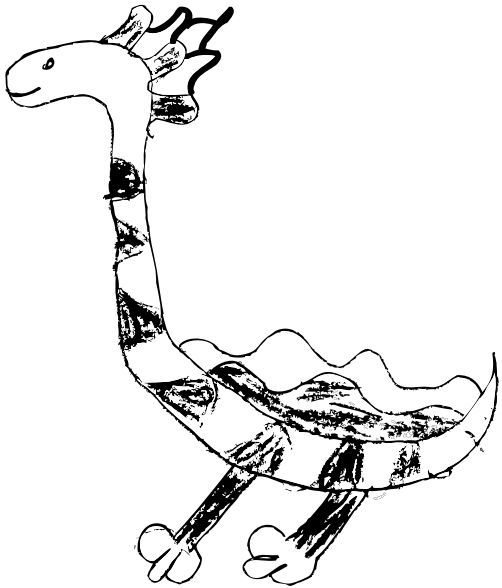
Quando os integrantes já foram escolhidos e o facilitador está apto para iniciar seu trabalho, é hora de pensar sobre a condução dos grupos. Os encontros são marcados por momentos distintos: os rituais do início, a mediação de leitura, a atividade e o ritual de encerramento.

4.1 RITUAIS

Para iniciar o encontro, é interessante escolher junto ao grupo um ritual que defina este começo. Fazer uma roda e ler uma história, cantar uma música ou fazer uma brincadeira são exemplos de atividades que podem marcar o momento reservado para o Fazendo Minha História. A partir deste momento, preferencialmente os participantes deverão permanecer até o fim, os combinados grupais passam a valer e a ética por parte do facilitador é essencial para garantir um ambiente seguro e confiável para o encontro acontecer.

Da mesma forma, vale criar um ritual de encerramento do encontro, no qual seja possível compartilhar as sensações e percepções de cada um em relação à atividade proposta e aos outros participantes. Isso pode ser feito através de uma rápida dinâmica, como dizer uma palavra que defina a vivência no grupo naquele dia.

É importante também que, antes de finalizar o encontro, o facilitador apresente suas percepções em relação ao envolvimento, comportamento e relacionamento dos participantes. Se houver algo mais delicado e íntimo a ser dito para a criança/adolescente, vale fazer essa conversa individualmente, a fim de não expô-lo, como no caso de ter se sensibilizado com alguma atividade especifica ou de ter se comportado de maneira peculiar.



PARA PENSAR

No grupo que coordeno, cada um dos integrantes termina sua atividade em um momento diferente e, então, querem sair do ambiente grupal, brincar ou fazer outra coisa. Eles não têm paciência para esperar até que todos terminem para fazermos nosso ritual de encerramento. O que faço?

É interessante haver uma proposta no próprio ambiente do grupo para que os integrantes que terminarem suas atividades possam se entreter até que todos a concluam. Por exemplo, você pode montar um "cantinho dos livros" no qual fiquem livros disponíveis para leitura em um espaço agradável para sentar-se. Outra sugestão é montar um "cantinho do desenho", com materiais gráficos e folhas de papel para que cada um possa fazer uma produção livre.

CONVERSANDO DEPOIS DO GRUPO

Em um encontro no qual cada membro do grupo contou uma história de quando era pequeno, Diana seria a última de 6 crianças a falar a sua história. Na sua vez chorava muito, em parte porque sua história lhe causava dor, mas também por achar que não teria tempo para contá-la porque o grupo estava chegando ao fim e ninguém a escutaria. Então desistiu de contar sua história. Eu, a facilitadora do grupo, insisti, assegurando-a que todos estariam ali escutando-a até o fim. Então, Diana contou uma história muito difícil de algo que lhe aconteceu quando era bebê. Depois de encerrar o grupo, pedi que Diana ficasse na sala pois achava importante lhe dar um retorno sobre o que acontecera no grupo. Disse a ela que foi muito corajosa ao contar aquela história e agradeci a sua confiança no grupo. Ela falou que ficou brava por ter sido a última e combinamos que no próximo encontro isso não aconteceria: faríamos um rodízio para que o lugar do último fosse cada dia ocupado por um participante.

Julia Eid – técnica do FMH

4.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA

A mediação de leitura representa um momento privilegiado, no qual é possível mergulhar em histórias diversas, em um universo dos mais variados afetos e, portanto, uma atividade convidativa e protegida para o trabalho com histórias de vida.

Um livro potencializa reflexões e elaborações de diversas vivências e, assim, podem surgir no grupo comentários associados às próprias histórias das crianças e adolescentes. Como cada ouvinte pode ser mobilizado por um aspecto diferente da história, é muito rico oferecer um espaço para compartilhar pensamentos e sentimentos emergidos a partir da leitura. Vale também reservar um tempo para que a criança ou adolescente possa registrar em seu álbum tais reflexões.

A mediação de leitura pode ser a própria atividade do grupo, utilizando o livro como disparador de um tema, mas também pode fazer parte do ritual do início ou do final do encontro, através da leitura individual ou em pequenos grupos. O facilitador pode ainda sugerir o livro ou perguntar aos integrantes qual história gostariam de ouvir através de uma votação, por exemplo.

AGORA NÃO, BERNARDO!

Fiz grupos numa casa em que o livro preferido das crianças e dos adolescentes era "Agora não, Bernardo". No livro, muitos encontraram uma representação para a sensação de não serem olhados ou escutados pelos adultos. Essa identificação gerou boas conversas nos grupos.

Julia Eid – técnica do FMH

PARA PENSAR

Algumas vezes, integrantes do grupo pedem para contar uma história mesmo sem saberem ler. Devo permitir que façam isso no grupo?

É importante que a realização desses pedidos seja viabilizada. Entretanto, possivelmente será necessário mais tempo para que a leitura seja concluída pelo fato de a criança ou adolescente precisar de ajuda nessa tarefa ou por utilizar as ilustrações para contar a história, a qual acaba sendo incrementada e aumentada. Por isso, para que o grupo não fique disperso, vale fazer alguns combinados, por exemplo, apenas um integrante por encontro contará uma história; cada integrante poderá contar uma página do livro escolhido ou que escolham dentre alguns livros mais curtos pré-selecionados pelo facilitador do grupo.

Deve-se estar atento ao efeito que uma leitura menos fluente causará no grupo. Caso a compreensão da história fique comprometida, vale pensar em uma alternativa, como sugerir que a criança conte a história para o facilitador em outro momento. Muitas vezes, pode-se viabilizar esse desejo fora do grupo, evitando um mal estar geral quando a criança ou adolescente ainda tem muitas dificuldades na leitura.

4.3 AS ATIVIDADES

As atividades grupais do FMH têm como objetivo principal potencializar a reflexão e discussão de temas relativos à história de vida das crianças e adolescentes, lembranças de seu cotidiano e período de abrigamento. Assim, são muitos os recursos que podem ser utilizados para disparar esta reflexão, que posteriormente poderá ser registrada no álbum e compartilhada com o grupo, conforme o desejo do integrante.

Ao planejar uma atividade para o grupo, deve-se levar em conta a faixa etária dos participantes, seus interesses e habilidades. Por exemplo, caso se proponha uma atividade na qual é preciso ler e escrever é preciso se certificar das possibilidades dos participantes (ver item 2.1.1).

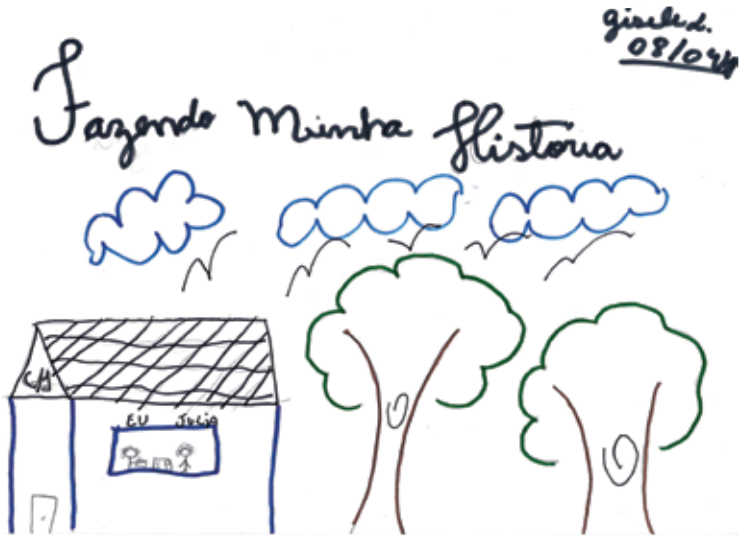
Além disso, é essencial estar atento ao movimento grupal, ou seja, pode-se planejar uma atividade para aquele dia e adiá-la devido a um tema que surja espontaneamente. Por exemplo, os participantes podem estar ansiosos para compartilhar sensações a respeito de uma festa que foram recentemente ou de uma briga que houve na casa naquele dia. Assim, qualquer acontecimento pode virar um assunto a ser abordado no grupo e um meio para resgatar a história daquela criança ou daquele adolescente.

PARA PENSAR

Uma das crianças que participa do grupo será desabrigada e não sei como trabalhar isto com o grupo.

Quando o facilitador fica sabendo que um integrante do grupo será desabrigado, é importante conversar primeiro com ele sobre sua saída e depois pensarem juntos formas de comunicar isso ao grupo e como ele gostaria de se despedir. Alem disto, vale a pena observá-lo e ajudá-lo a elaborar emocionalmente sua saída do abrigo, para que não seja vivida como mais um rompimento. O grupo é uma grande oportunidade para que essas despedidas sejam bem trabalhadas. No caso de uma criança que será adotada, por exemplo, é importante ficar atento aos seus movimentos dentro do grupo e também dos seus colegas, pensando como ajudá-la a elaborar essa mudança que acontecerá na sua vida e as reações causadas nos que ficam.

Ao contar sobre uma festa que participou, ela pode lembrar a festinha do vizinho da casa onde morava em outra cidade há anos atrás, sendo uma ótima oportunidade para registrar essa lembrança e falar dos sentimentos relativos a esses momentos. Cabe, então, ao facilitador do grupo ajudar a organizar o relato e registro da criança ou do adolescente, testemunhando a lembrança de momentos marcantes de sua história. O simples registro da festa da qual participou com os colegas do abrigo já pode ser muito rico. Se tiver uma foto, melhor ainda!



4.4 REGISTROS

Após refletir sobre o tema do encontro, ocorre o momento de registro no álbum. Registrar é importante para que as histórias não se percam, para que possam ser compartilhadas, seja no presente ou no futuro, e para que haja apropriação e reflexão sobre o vivido.

É fundamental deixar que cada um escolha aquilo que quer escrever, mesmo que precise de ajuda para organizar seu relato ou para produzi-lo. Pode acontecer da criança ou adolescente participar ativamente das conversas grupais e escolher não registrar, o que também deve ser respeitado.

O integrante pode também preferir fazer seu registro individualmente e de forma mais reservada. Da mesma forma, quando forem convidados a compartilhar com o grupo seus registros, pode haver a opção de não fazê-lo.

PARA PENSAR

Durante o momento dos registros nos álbuns não sei como agir, pois há algumas crianças e adolescentes que não sabem ou têm muita dificuldade para escrever. Como conduzir o grupo?

Neste momento é importante auxiliar as crianças e adolescentes a escreverem, pois devemos garantir que fique registrado tudo o que desejam com relação as suas histórias. Vale circular pelo grupo oferecendo ajuda. As crianças e os adolescentes nem sempre desejam que os outros integrantes ouçam o que está sendo relatado ao facilitador, e quando isto acontece, o facilitador pode oferecer um espaço mais reservado e individual durante o acontecimento do grupo. Os registros podem também ser feitos pelas crianças/adolescentes através de outros recursos como desenho ou dobradura, sendo que, nesses casos, o educador anota a que se refere. Vale lembrar que, como a produção é da criança/adolescente, é preciso que ela autorize qualquer anotação.

4.5 ENTRADAS E SAÍDAS DO GRUPO

Quando uma nova criança ou adolescente entra no grupo, deve ser apresentado para os integrantes, que podem lhe contar sobre o funcionamento e as regras específicas daquele espaço. O facilitador tem a função de facilitar esse processo e liderá-lo caso as outras crianças e adolescentes não consigam desempenhar esse papel. Geralmente, o novo integrante não tem ainda uma ideia clara do que é Fazer História em grupo, então é possível fazer uma roda em que cada um mostre uma página do seu álbum. Trata-se de uma maneira suave de ir trazendo o clima do grupo para este primeiro encontro.

A saída de pessoas do grupo deve sempre ser marcada por um ritual de despedida. Quando se sabe de antemão que um dos integrantes deixará o grupo, é possível fazer uma atividade de despedida envolvendo um registro no álbum de cada um sobre a passagem daquela pessoa na vida dos outros participantes, fazer em conjunto um presente para quem está saindo e outras atividades que marquem a importância de pessoas entrarem e saírem da vida de cada um.

Acontece também de o facilitador ter que deixar o grupo. Neste caso é fundamental que ele avise os integrantes com certa antecedência (pelo menos três encontros antes) para que possam se preparar e expressar seus sentimentos com relação à separação. A explicação cuidadosa sobre o motivo da saída procura evitar que as crianças e adolescentes se culpem pela ruptura.

Quando a despedida de uma criança ou adolescente não é possível (no caso de um desabrigamento repentino, por exemplo), é importante falar sobre essa saída no grupo mesmo na ausência daquele que deixou a casa e, sempre que possível, pensar em uma alternativa para a despedida, ainda que não ideal, como um telefonema ou uma carta.

ATIVIDADES

5.1 DESENVOLVIMENTO

À medida que se fortalecem os vínculos no grupo, o facilitador estabelece uma sintonia com seus participantes, desenvolvendo aos poucos uma habilidade para captar suas necessidades e interesses. Com essa sensibilidade, o facilitador tem maior facilidade para pensar nos próximos temas a serem desenvolvidos.

Para desenvolver uma atividade é necessário ter em mente o seu objetivo para que, em seguida, possa se pensar nos meios para alcançá-lo. Os meios podem variar muito. Quando se conhece bons tipos de atividade, pode-se adaptá-las para outros temas.

5.2 POSSIBILIDADES DE ADAPTAÇÃO

DO INDIVIDUAL PARA O GRUPO

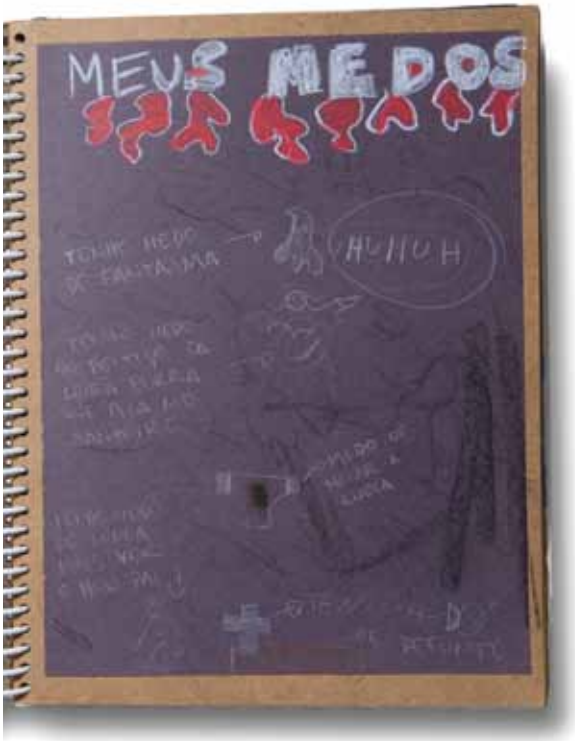
Ao fazer uma adaptação de atividades, é necessário considerar que não é possível dar auxílio exclusivo para cada um dos participantes, e estes terão que lidar com as ansiedades despertadas pela espera, por dividir e não ter o facilitador todo para si. O grupo exige mais autonomia do sujeito.

Uma atividade individual levada para o grupo abre espaço para identificações entre as histórias de cada integrante, propicia o aprendizado através da experiência do colega, da troca, do respeito.

No Guia de ação para colaboradores do FMH existem muitos exemplos de atividades individuais que podem ser adaptadas para momentos em grupo.

Exemplo: adaptando a atividade "Meus Medos"

Fazer uma roda para ler o livro "Chapeuzinho Amarelo". Depois da leitura, abrir com o grupo uma conversa sobre medos: quem tem medo do que? Quem tinha um medo que já passou? Como faz para passar o medo? Quem tem medo igual ao do colega? No momento dessa conversa, é importante perceber se todos estão conseguindo se expressar. Se uma criança escolhe não falar, devemos respeitá-la, mas isso é diferente de ficar em silêncio porque outro participante está falando muito. O momento seguinte dessa atividade é o registro dos medos. Cada um recebe uma folha e com o material gráfico desenha seus medos. Nesse momento, o facilitador começa a circular pelo grupo ajudando cada participante a escrever quais são aqueles medos que estão no papel. Os desenhos feitos



no álbum devem sempre ser acompanhados de uma explicação sobre o que são. Assim, o participante se expressa do seu modo graficamente ao mesmo tempo em que o facilitador o ajuda a dar um sentido para o tema em questão e mantê-lo inteligível ao longo do tempo.

Quando um integrante finaliza a sua página, é importante que o facilitador reveja com ele o que foi feito. Desse modo, a criança ou adolescente sente que o facilitador está atento a ele. O facilitador tem a chance de verificar se a página está legível, com sentido, e pode ajudar o participante a dar um título e colocar a data, quando isso ainda não foi feito. Quando a página tem um conteúdo íntimo, difícil de lidar ou que a criança ou adolescente não deseja compartilhar com outras pessoas, é possível sugerir que se coloque dentro de um envelope ou com uma folha por cima.

DIFICULDADES NA ESCRITA

Para os grupos em que muitos participantes não dominam a escrita é possível pensar em alternativas para o desenvolvimento dessas atividades.

Algumas possibilidades:

- preparar uma página com algumas informações já escritas, para completá-la no grupo. Por exemplo: página como o nome de todas as crianças e adolescentes que moram na casa. No grupo, cada um pode fazer um desenho dos melhores amigos. Desse modo, o facilitador consegue ficar atento no grupo às manifestações e demandas ao invés de preocupar-se em escrever, em cada folha, o nome de 22 crianças e adolescentes. Facilita o acompanhamento ao invés de se ater exclusivamente à execução da tarefa.
- Levar papéis com palavras escritas para a realização de uma atividade, que podem ser colados na página.
- Ao propor uma atividade, sugerir que cada um desenhe (algo relacionado à atividade), e enquanto isso o facilitador, circulando pelo grupo, auxilia os integrantes a escreverem sobre aquele tema e sobre o desenho feito pela criança ou adolescente.

PARA PENSAR

Por que organizar uma atividade e o ambiente do encontro?

Sendo espaço de expressão, os grupos do Fazendo Minha História são freqüentemente bagunçados, pois dão lugar para as manifestações do mundo interno das crianças e adolescentes: medos, tristezas, alegrias, dúvidas, sonhos... Se o ambiente e a atividade são apresentados de maneira organizada às crianças e aos adolescentes, fica claro ao facilitador que as manifestações de desordem têm relação com os conteúdos internos dos integrantes. Quando apresentados de maneira desorganizada, fica difícil para o facilitador discernir "a bagunça que vem de dentro dos integrantes" da bagunça própria do ambiente.

5.3 PREPARAÇÃO

As atividades realizadas num grupo do FMH devem ser planejadas com antecedência pelo facilitador. Algumas delas requerem, além do planejamento "ideológico", uma preparação/elaboração do material.

Grupos que tem uma tendência maior a se desorganizar podem necessitar de atividades mais estruturadas e pré-organizadas, que propiciam um clima de estabilidade. Ao mesmo tempo, é importante estimulá-los a construir e criar. As atividades pré-determinadas devem servir de disparadores que favoreçam a criação e a inovação, mas é importante que se garanta a expressão individual de cada um. Por exemplo, pintar um símbolo de um time de futebol trazido pelo facilitador pode ser interessante na medida em que cada participante possa expressar sua relação com aquele time, e não simplesmente preencher os espaços em branco com cores.

5.4 BRINCADEIRAS

Como o grupo é um espaço para a expressão individual dos integrantes, é importante que o facilitador convide e dê espaço para que cada um proponha as atividades e temas pelos quais se interessem em compartilhar. É interessante propor brincadeiras e atividades grupais que proporcionem momentos divertidos e que permitam a lembrança e elaboração de histórias individuais, além do registro destes momentos com o auxílio de fotos. Vale lembrar que a saúde das crianças/adolescentes está com freqüência ligada a histórias e lembranças boas, satisfatórias.

Muitas atividades podem ser desenvolvidas coletivamente: confecção de fantoches, de brinquedos de sucata, utilização de massinha ou argila. Como exemplo, será utilizada aqui a confecção de pipas.

Ao propor a confecção de uma pipa, a atividade deverá ser organizada previamente: o material que cada integrante utilizará, quem ensinará como uma pipa deve ser feita, quantos integrantes construirão uma pipa, etc.

DECORANDO A RUA

Era Copa do Mundo e decidimos pintar o chão da rua com motivos do Brasil. Para isso, pedimos a colaboração dos vizinhos através de cartas escritas no nosso grupo, aproximando comunidade e casa de acolhimento. Além de ter sido muito divertido, pudemos falar das potencialidades de cada um dos integrantes ao dividirmos as tarefas: um dos meninos desenhava muito bem e foi encarregado de traçar as figuras, outro ficou responsável por comprar o material, já que tinha habilidade com contas para calcular o troco, e assim por diante. Tudo foi fotografado, compartilhado e registrado no grupo posteriormente.

Taísa Martinelli, técnica do FMH

Pode ser que durante a confecção da pipa, lembranças venham à tona a respeito das histórias pessoais e cabe ao facilitador aproveitar esse momento para escutar os comentários e fazer mais perguntas. Por exemplo, uma criança comenta que costumava empinar pipa quando menor. É uma ótima oportunidade para ajudá-la a resgatar mais momentos de sua história: "Com quem você empinava pipa?", "Onde costumava fazer isso?", "O que você achava disso?", são perguntas que ajudam a criança a compartilhar mais acontecimentos gostosos de seu passado.

Mesmo que não surjam comentários espontâneos deste tipo, vale ajudar a criança no resgate destes momentos através de perguntas deste tipo, o que pode acontecer através da mediação do facilitador entre duas crianças. Por exemplo, "Ela disse que empinava pipa com os irmãos que agora moram longe daqui e você, costumava empinar pipa com alguém? E como era?"

Também pode ser interessante conversar com a criança sobre aquilo que está fazendo no momento, o que está achando, se gostaria que fosse

de outra forma, como está se relacionando com os outros integrantes. É uma oportunidade de o integrante falar de si mesmo, de suas relações com os outros, de como lida com momentos lúdicos. A participação do facilitador é ativa. Ele não só dá instrução, distribui material e aguarda o produto. Ele acompanha, ajuda e faz perguntas, colocando-se sempre de forma disponível na relação com as crianças/adolescentes.

Quando a atividade for concluída, é possível haver um encontro no qual o grupo saia para empinar a pipa confeccionada e, provavelmente, será mais uma oportunidade de conversar com os integrantes sobre aquele momento atual e sobre outros que forem lembrados.

É válido fotografar todo esse processo e, quando as fotos estiverem reveladas, distribuí-las e propor o registro dessa atividade. Cabe ao facilitador ajudar os integrantes a relatar as lembranças que vieram à tona, os comentários a respeito de suas sensações ao confeccionar a pipa e dados do processo desta atividade (como os acontecimentos no grupo).

OS AMIGOS DA PIPA

Todas as crianças do grupo adoravam pipa, então combinamos de construir algumas e, no encontro seguinte, sair para empinar. Muitas histórias foram compartilhadas durante esta atividade. O menino que ensinou o grupo a fazer a pipa, por exemplo, foi contando que quando morava com sua família foram seus vizinhos que o ensinaram a fazê-la. Contou sobre seus "amigos da pipa" que não via há tempo e que sentia saudade deles. No outro encontro, ele fez um desenho dos amigos e escrevemos seu relato no seu álbum.

Taísa Martinelli, técnica do FMH

5.5 CARDÁPIO DE ATIVIDADES

Neste subcapítulo são apresentadas algumas sugestões de atividades possíveis de serem desenvolvidas nos grupos do Fazendo Minha História. Em cada uma delas está descrito o material que será necessário, as orientações (vamos lá) e seu objetivo (sabe por quê?).

ATIVIDADES PARA FASE DE FORMAÇÃO DOS GRUPOS

Adivinhe quem sou eu!

Material: pedaços de folha sulfite e caneta.

Vamos lá: Escolha três itens para cada um escrever no papel, como música, cor e time de futebol preferidos. Depois, recolha os papéis e sorteie um de cada vez para ler. O grupo deve adivinhar a quem se referem aquelas informações. Ao final, vale fazer uma reflexão sobre o quanto cada integrante do grupo se conhece e propor o registro dessa conversa.

Sabe por quê? Porque é uma maneira divertida de iniciar uma discussão a respeito do quanto o grupo se conhece.

Stop em grupo: em busca de semelhanças

Material: Folha sulfite e caneta

Vamos lá: Prepare uma lista com itens que digam respeito às particularidades de cada um dos integrantes, como por exemplo: número de irmãos; série que cursa na escola; comida, animal, cor, livro, passeio e time de futebol preferidos, entre outros. Essa lista pode ser preparada com a colaboração das crianças.

Monte uma tabela com três colunas. Na primeira, escreva um item da lista em cada linha. A segunda coluna poderá ter o título de "Minhas respostas" e a terceira, o de "Colegas com mesmas respostas".Quando a tabela estiver pronta, dê alguns minutos para cada um completar a segunda coluna individualmente, sem que os outros vejam suas respostas.

Em seguida, o jogo pode partir para a próxima etapa. Ao dizer "já", os integrantes devem se entrevistar, perguntando as respostas que os outros deram em relação a cada item. Quando encontrarem colegas que deram respostas iguais a si mesmo, devem escrever o nome do colega na terceira coluna. Caso não encontrem, devem escrever o número zero.

É legal conferir as respostas com o grupo, pois assim as semelhanças e diferenças entre os participantes poderão ser compartilhadas.

Sabe por quê? Porque é interessante que a criança e o adolescente possam se conhecer, se apresentar para o grupo com quem moram no abrigo e perceberem as semelhanças e diferenças presentes no grupo.

Exemplo de tabela:

Itens	Minhas respostas	Colegas com as mesmas respostas
Número de irmãos	4	Ana, Luiz
Série / ano na escola	3º ano	Thiago
Animal preferido	cachorro	João
Comida preferida	frango	0
Livro preferido	"Pedro e Tina"	Amanda, Jessica

Minhas qualidades

Vamos lá: O facilitador organiza uma roda e inicia a brincadeira dizendo alto seu nome, seguido de duas qualidades que julga possuir. Cada participante, na seqüência, a partir do facilitador, repete os nomes e qualidades ditos anteriormente, na ordem, acrescentando ao final seu próprio nome e suas duas qualidades.

Depois dessa brincadeira, cada um pode fazer uma página sobre suas qualidades marcantes.

Sabe por quê? É uma forma lúdica de conhecer os integrantes e a si mesmo, valorizando o que há de bom em cada um.

Questionário: em busca de semelhanças

Material: questionário, cartolina, canetinha.

Vamos lá: o facilitador lê aos participantes as doze perguntas do questionário como este do exemplo abaixo:

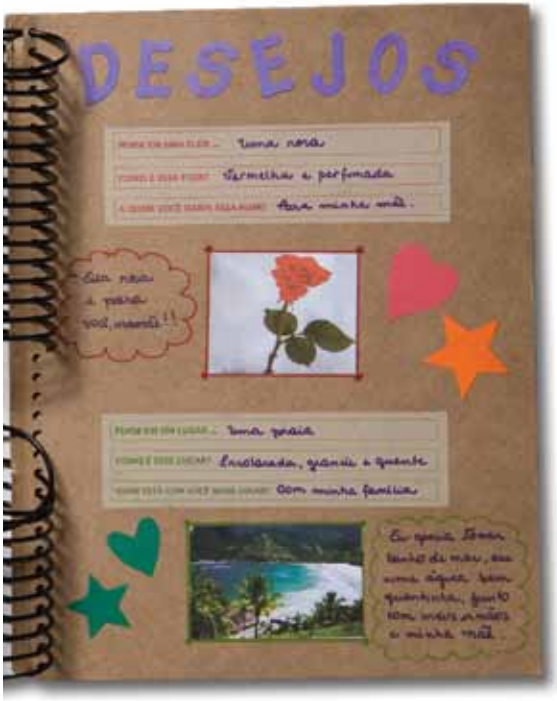
1) Você gosta de sair em foto?
2) Você torce para o Corinthians?
3) Você gosta de dançar?
4) Você tem mais de dois irmãos?
5) Você gosta de ouvir pagode?
6) Você gosta de escutar história?
7) Você tem namorado(a)?

8) Você gosta do abrigo?
9) Você já amou sem ser correspondido?
10) Você é romântico?
11) Você tem cabelo enrolado?
12) Você tem vergonha de chorar em público?

Em seguida, a equipe tem a tarefa de montar um painel com as perguntas, reservando um local em baixo de cada questão para assinatura dos integrantes. Só assinam as crianças e adolescentes que queiram responder sim às perguntas. Ao final da atividade, o grupo cria um painel mapeando algumas semelhanças entre os integrantes. Depois é só abrir para o grupo discutir cada questão.

Em seus próprios álbuns, os participantes podem responder ao mesmo questionário, comentando cada resposta. Por exemplo, pode contar qual é o grupo de pagode que mais gosta, qual é o nome do (a) namorado (a), qual é a história preferida...

Sabe por quê? Para a formação da identidade, é importante que cada um perceba o que tem em comum e que o diferencia dos colegas.



A teia do grupo

Material: barbante

Vamos lá: O grupo se organiza em roda, com todos em pé. O facilitador inicia a atividade apresentando-se: nome, algo que gosta e algo que não gosta. Quando acaba sua apresentação escolhe um participante e joga o rolo de barbante. Este recebe o rolo, amarra no dedo indicador de forma que o fio fique esticado e se apresenta, dizendo seu nome, algo que gosta e algo que não gosta. Depois joga para outro participante e assim por diante. Quando todos se apresentaram, pedir que façam o movimento inverso com o barbante: o último que se apresentou deve então repetir o que o participante anterior disse e arremessar o barbante de volta à ele. Assim acontece sucessivamente até o rolo chegar de volta ao facilitador.

No momento do registro, cada um pode escrever em seu álbum sobre as coisas que gosta e as coisas que não gosta.

Sabe por quê? A atividade promove a apresentação dos integrantes e incentiva a escuta no grupo.

Quem é quem? - Atividade da etiqueta na testa

Material: Etiquetas e caneta.

Vamos lá: Escolha um tema junto ao grupo, como animais ou pessoas famosas que mais gostam e peça para cada integrante escrever na etiqueta o seu preferido e não mostrar para os outros. Depois, recolha as etiquetas e cole-as na testa de cada um com cuidado para que nenhum integrante receba a sua própria.

Quando todos estiverem prontos, o jogo tem início. A idéia é que cada um adivinhe o que está em sua testa através de perguntas que tenham como resposta sim ou não, como: "O meu animal tem quatro patas?" ou "O meu personagem é um homem?". Fique atento para o modo dos integrantes se relacionarem, pois você pode expor suas observações ao final.

Após esta dinâmica, também há a possibilidade de estender a conversa para as características de cada um: "Eu sou paciente?". Assim, cada um poderá ouvir do grupo suas qualidades ou defeitos e registrar em seu álbum essa conversa.

Sabe por quê? Porque é uma maneira de os integrantes se relacionarem de maneira cooperativa e de, posteriormente, problematizar a dinâmica de relações do grupo. Além disso, é uma oportunidade para refletir a respeito de si mesmo através do olhar do grupo.

Se eu fosse um bicho

Material: livros com animais; papel sulfite; lápis de cor; canetinha

Vamos lá: O facilitador escolhe livros que tenham animais para fazer a mediação de leitura. Em seguida, pede que cada um imagine o seu animal preferido e imite-o até o grupo adivinhá-lo. Por último, cada um pode desenhar em uma folha sulfite os bichos dos quais mais gosta e, se necessário, o facilitador ajuda a escrever as características principais desses bichos, ditas por si mesmo ou pelos membros do grupo.

Sabe por quê? É um modo lúdico de falar a respeito de si e estar em grupo.

História continuada

Vamos lá: Peça para o grupo sentar em círculo e informe que a tarefa do dia é construir uma história em conjunto. Um dos participantes começa a história que é continuada por seu companheiro da direita e assim por diante, cada um contribuindo com um pedacinho.

No momento de registrar, o facilitador pode sugerir que os participantes escrevam a história coletiva em seus álbuns, discriminando os autores das falas através de cores diferentes. Não esquecer depois de colocar um título e uma legenda que explique que cor corresponde a que autor!

Sabe por quê? É interessante que eles percebam a importância de cada um na construção do coletivo.

O que eu mais gosto no abrigo

Material: Massinha.

Sugestão de leitura: "O homem que amava caixas".

Vamos lá: Peça para cada integrante construir com massinha algo que mais goste relacionado ao abrigo. Depois, ofereça um momento para compartilharem as produções e aproveite para fotografá-las, pois podem registrar no álbum posteriormente.

Sabe por quê? Porque é importante para cada integrante ter oportunidades para refletir a respeito do ambiente onde habita.

Depoimentos dos meus colegas

Material: Folha sulfite e caneta.

Sugestão de leitura: "Trem da amizade"; "Ninguém gosta de mim"

Vamos lá: Em roda, peça para que cada integrante relate uma situação marcante vivida com o colega à sua direita. Depois, peça para que cada um escreva ou desenhe aquilo que contou e, ao final, entregue para o colega para que ele tenha a oportunidade de colocar em seu álbum.

Sabe por quê? Porque é importante que a criança e o adolescente tenham em seus álbuns depoimentos de vivências com colegas que fazem parte de suas histórias.

Um livro do grupo

Material: papel cartão, lápis de cor e canetinha.

Vamos lá: Sugira um tema, como "As minhas férias" e peça para cada integrante fazer um desenho de algum momento relativo ao mesmo. Depois, forme uma roda e pergunte:"Se a gente fosse inventar uma história com todos esses desenhos, como seria?". Você pode escrever o que disserem na folha de cada desenho e organizar na ordem que escolherem.

Ao final, junte todas as folhas e prenda a lateral (pode ser com grampeador ou com uma fita passada por dentro de furos). Não se esqueça de acrescentar uma folha para a capa, na qual deve estar o título, criado por todos, e o nome de cada um como autor.

Vale colocar o livro produzido na biblioteca da casa para que todos possam ter acesso a ele sempre que quiserem.

Sabe por quê? Porque é importante que cada integrante sinta-se pertencente a um grupo e que este seja capaz de criar algo comum e interessante.

O meu colega

Material: Massinha.

Vamos lá: Em roda, peça para que cada integrante do grupo construa com a massinha algo que lhe remeta ao colega à sua esquerda. Depois, peça para cada um apresentar sua produção e aproveite para fotografá-las, pois podem registrá-las no álbum.

Sabe por quê? Porque, quando os membros do grupo já têm um vínculo constituído, é importante que haja espaço para se refletir mais cuidadosamente sobre o colega com quem convive.

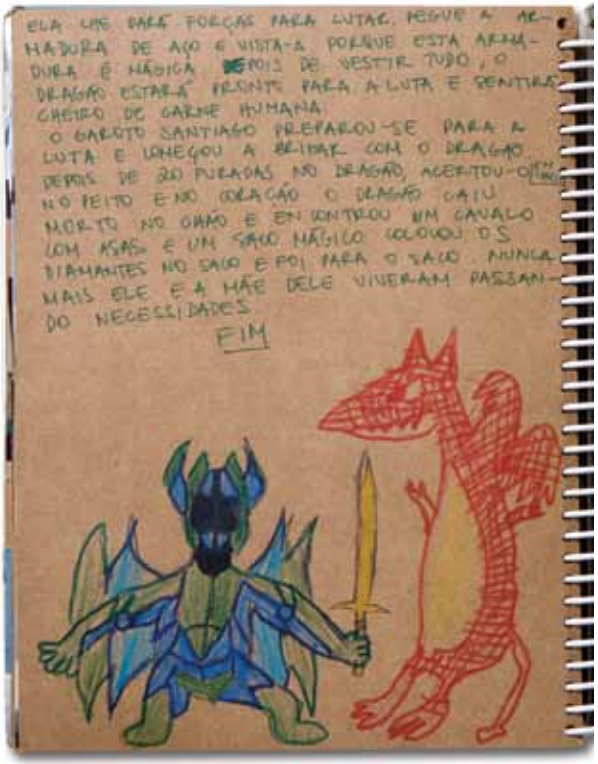
O dragão

Material: Imagem de um dragão (ou de outro animal) e massinha.

Vamos lá: Apresente a imagem e, em roda, levante o que os integrantes acham que aquele animal está sentindo: Está bravo? Está com medo? Depois, peça para cada um construir com massinha um animal atentando para a reação dele caso encontrasse o dragão da imagem apresentada. Não se esqueça de utilizar a máquina fotográfica!

Ao final, proponha o compartilhar das produções ressaltando o que cada animal teria sentido ao encontrar o dragão.

Sabe por quê? Porque falar dos sentimentos do animal é uma maneira de falar dos próprios sentimentos.



PARA PENSAR

Em alguns grupos, nos momentos em que uma criança está contando uma história sobre sua família ou seu passado, algumas pessoas do grupo começam a dar risada.

Nos momentos grupais, quando se compartilham histórias pessoais, é importante que o facilitador construa algumas regras, tais como: não rir da história do outro ou fazer silêncio enquanto o outro fala. Muitas vezes surgem histórias que angustiam outro membro e ele pode se recusar a ouvi-la, por exemplo, chamando a atenção do grupo para si, fazendo outra coisa como ler um livro, fazer um desenho ou rir alto. Há muitos jeitos de mostrar que um relato está incomodando e algumas crianças precisam da ajuda do facilitador para encontrar um meio de expressar a sua angústia que não atrapalhe o grupo. É importante que o integrante tenha essa oportunidade ao mesmo tempo em que o respeito à história do outro seja mantido.

Quando eu era pequeno...

Material: livro "A história de Pedro" ou "Como é que eu era quando eu era bebê?", folha sulfite, lápis de cor, lápis grafite, canetinha

Vamos lá: em roda, leia a história do livro e em seguida sugira que cada integrante pense uma história de quando era mais novo, ou seja, histórias que possam se lembrar de antes de serem acolhidos na instituição. Em seguida, organize uma ordem para que cada um conte a sua história para o grupo todo ouvir. Depois de cada relato, dar a possibilidade para os outros participantes fazerem perguntas a respeito dessa história. No final, todos devem registrar sua história no álbum.

Sabe por quê? Compartilhar histórias no grupo ajuda cada integrante a encontrar um sentido para aquilo que viveu. É importante oferecer um espaço em que a criança sinta-se livre para falar daquilo que lhe aconteceu, tendo como interlocutor outras crianças.

Meus segredos

Material: livro "A menor ilha do mundo", folhas de papel recortadas em pequenos quadrados, canetinha, lápis grafite, envelopes

Vamos lá: A partir da leitura do livro, converse com o grupo através das questões: o que é um segredo? Todo mundo tem segredo? Tem segredos que a gente conta e segredos que não conta de jeito nenhum! Alguém quer contar algum segredo para o grupo?

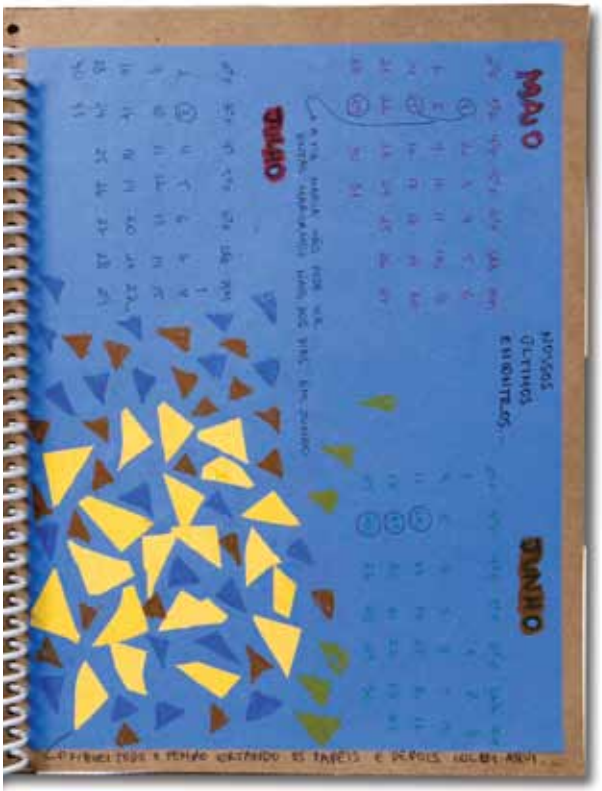
Depois, distribua o material propondo que cada um escreva ou desenhe seus segredos nos pedaços de papel e guardem num envelope, que deve ser colado no álbum compondo a página "meus segredos". Ao final, cada integrante pode escolher um colega para compartilhar um segredo. No caso do grupo com crianças que não saibam escrever, uma estratégia é que elas contem seus segredos no ouvido do facilitador, que os escreve nos pequenos papéis e os devolve, para que cada uma coloque no seu envelope.

Sabe por quê? Como conta o livro, um segredo que fica guardado pode ser muito "pesado". Compartilhar um segredo, mesmo com o próprio álbum, além de produzir alívio, aproxima aquele que conta do seu ouvinte, fazendo com que passem a ter um segredo em comum.

PÁGINA DA MAMÃE

Ao ser convidada a contar uma história de quando era pequena, Joana começa a narrar um dia de sua vida, do tempo que morava com seus pais e seus irmãos. Aparentemente, parecia ser um dia comum, e eu me perguntava porque ela escolhera aquela história para contar. Contou que acordou, brincou com sua boneca, foi à escola, voltou para casa e sua mãe que era doente não estava mais lá: seu irmão havia levado-a no médico. Ficou no quarto, brincando com sua boneca. Depois, mais tarde, seu irmão voltou para casa, chamou-a e disse "Joana, a mamãe morreu". No momento em que registramos a sua história no álbum, escreveu que tinha certeza que sua mãe estaria sempre com ela, onde quer que fosse. Joana nunca tinha falado sobre a perda da mãe desde que fora abrigada, e este momento em grupo foi muito importante, pois ela sentiu-se segura e confiante para compartilhar uma vivência tão marcante.

Júlia Eid, técnica do FMH



Bola de Cristal

Material: massinha; folha sulfite, lápis de cor, canetinha

Vamos lá: Faça com massinha uma bola de cristal do grupo. Em seguida, cada integrante faz perguntas para a bola sobre coisas que gostaria de saber sobre sua vida, seu futuro. É importante que o facilitador não dê respostas, mas que ajude aqueles com dificuldade em formular perguntas. Podem surgir algumas perguntas como: quando vou sair daqui? Onde está a minha mãe? Quando eu crescer, vou ter dinheiro? Vou ser adotado? Vou trabalhar? O que vou ganhar de natal?

Em um segundo momento, fazer a passagem para o álbum: cada um desenha sua bola de cristal numa folha e registra suas perguntas à bola (pode-se substituir o desenho por uma foto da bola feita pelo grupo).

Sabe por quê? A atividade estimula a criança a fazer perguntas, colocando em movimento o olhar para si mesmo. Ao formular uma pergunta, ela reflete sobre o presente ao mesmo tempo em que se questiona e sonha com seu futuro.

Mapa dos lugares por onde andei

Material: mapas da cidade de São Paulo, do estado de São Paulo e do Brasil, livro "Ah! Os lugares aonde você irá."

Vamos lá: O facilitador do grupo apresenta os mapas, procurando situar o local do abrigo no qual aquele grupo se encontra. Em seguida, cada participante, na sua vez, deve ir a um dos mapas e indicar um lugar por onde andou, contando como era o lugar e o que fez por lá.

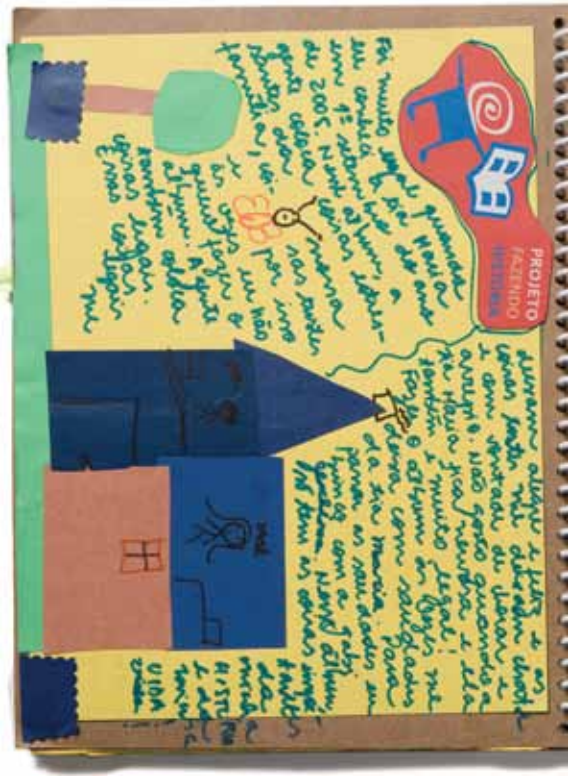
No momento do registro, cada criança e adolescente desenha em seu álbum um mapa, colocando dentro deste todos os lugares por onde já andou.

Sabe por quê? Cada lugar por onde a criança passa guarda muitas histórias...

Jogo da Memória

Material: cartolina, tesoura e canetinha, livro "Guilherme Augusto Araújo Fernandes"

Vamos lá: Recorte a cartolina em quadradinhos de cerca de dez centímetros de lado. Cada participante recebe dois quadradinhos nos quais deve desenhar, em um dos lados, coisas significativas, que não saem da memória. Quando todos tiverem terminado seus desenhos, peça que cada criança e adolescente apresente suas produções ao grupo. Para dar continuidade, é só jogar o jogo da memória no qual o objetivo é formar duplas de desenhos feitas pelos integrantes.



Durante o registro, as crianças e adolescentes podem fazer uma página sobre algo importante que têm guardado na memória.

Sabe por quê? As histórias são formadas por memórias.

Marcas dos amigos

Material: papel e canetinha, livros "Pedro e Tina" ou "O Trem da Amizade"

Vamos lá: Organize o grupo sentado em círculo. Cada participante recebe uma folha e escreve seu nome no alto dela. Ao sinal do facilitador, todos passam a folha para o vizinho da direita, para que este possa escrever ou desenhar algo para a pessoa cujo nome se encontra no alto da folha. Assim, sucessivamente, todos escrevem para todos até que a folha retorne ao ponto de origem. Ao final da atividade as crianças e adolescentes terão um registro, uma marca, de cada integrante do grupo.

Sabe por quê? É uma forma de promover comunicação entre os integrantes e incentivar que deixem registros para serem guardados como recordação.

Tenho dificuldade de...

Material: papel e lápis.

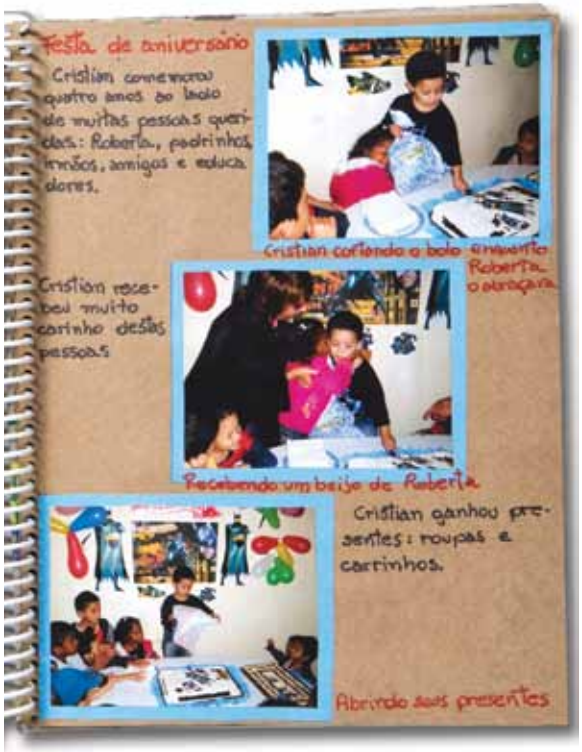
Vamos lá: Peça ao grupo que se sente em roda. Distribua papel e lápis e peça para cada um escrever uma dificuldade sua. Enfatize que os colegas não saberão de quem é a dificuldade e que tentarão ajudar oferecendo sugestões para resolver o problema. Recolha todos os escritos e os misture. Leia alto, uma dificuldade por vez e peça ao grupo conselhos, idéias e sugestões, para resolvê-la.

No momento de registrar, cada um pode fazer uma página sobre suas dificuldades.

Sabe por quê? Para lidar com as dificuldades, é preciso vislumbrar os passos necessários para resolvê-las.

Tribunal (Atividade recomendada para grupos de adolescentes)

Vamos lá: Primeiramente é escolhido em grupo um tema polêmico (por exemplo, a proibição do cigarro ou o namoro no abrigo). Em seguida, os participantes são divididos em duas equipes "CONTRA" e "A FAVOR", devendo apresentar argumentos de forma convincente. O facilitador ocupa o papel de mediador na discussão, dizendo a hora que cada equipe pode se pronunciar. Depois da apresentação de todos os argumentos, inverter os papéis, quem era "CONTRA" vira "A FAVOR" e vice-versa.



Após o tribunal os participantes podem fazer uma página sobre o tema controverso que foi discutido.

Sabe por quê? Desenvolve raciocínio crítico, possibilita a discussão verbal e uso da agressividade de maneira adequada.

Quebra - cabeça: Um dia especial

Material: papel, canetinha, envelope.

Vamos lá: Antes de começar a atividade demarque, em um dos lados da folha a ser entregue para os participantes, linhas que formem um quebra-cabeça. No momento do encontro, entregue as folhas para que façam do outro lado a representação gráfica de um dia especial. Quando acabarem de desenhar, cada um recorta sua folha no local indicado (nas linhas) e guarda as peças no envelope. Formam-se duplas de acordo com a afinidade e um deve montar o quebra-cabeça do outro. Quando o jogo estiver pronto, conversar sobre o dia especial.

No álbum, cada um pode colar o envelope com o quebra-cabeça e fazer o registro sobre o dia representado.

Sabe por quê? Compartilhar momentos importantes faz muito bem!

5.6 LISTA DE TEMAS PARA ATIVIDADES

Abaixo, segue uma lista de temas que podem ser desenvolvidos durante os grupos. O colaborador pode usar sua criatividade para adaptá-los aos modelos das atividades do cardápio, ou ainda para desenvolver uma nova atividade.

Auto-retrato (desenho de si mesmo)

Minhas Férias: para onde fui; com quem fui; o que mais e menos gostei.

Meus medos: quais são; situação na qual me deparei com meu medo; o que ajuda o medo ir embora.

Música: tipo preferido; cantores preferidos; uma música que ouvia quando era pequeno.

Como eu sou: características físicas e afetivas (inteligente, chato, curioso, etc)

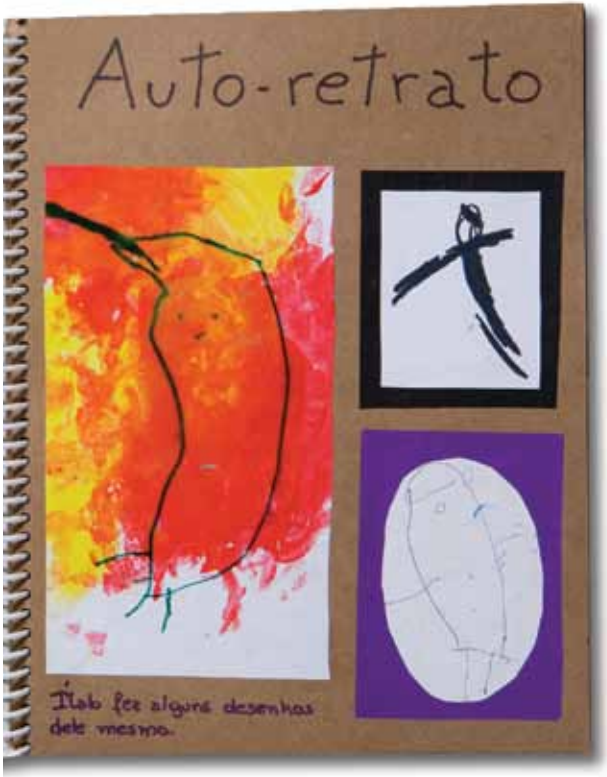
Saudade: de quem; do quê; como é essa saudade.

O que eu já perdi: pessoas; objetos; brinquedos; lembranças: o que senti.

Meu aniversário: como comemorei; gostei ou queria que fosse de outra forma; quem estava; o que ganhei ou gostaria de ter ganhado.

Meus amigos: quem são; o que gosto (ou não) neles; o que gostamos de fazer juntos.

Meus ídolos: quem são; o que fazem; porque gosto deles; se os encontrasse, o que eu faria.



Meus Amores/ Minhas paixões: quem são ou foram; como e quando foram.

Daqui a 5 anos: onde estarei; o que estarei fazendo; com quem estarei morando; como será.

Festas (Natal, Ano Novo, Dia das crianças, Páscoa): onde, como e com quem comemorei; o que gostei e não gostei.

Meus irmãos: nomes e datas de aniversário; onde moram; como é minha relação com eles.

Minha família: nomes e datas de aniversários; onde estão; como são.

Minha casa: como é o abrigo e/ou a casa onde eu morava.

Meus sonhos: quais são; como são.

Minha Escola: nome, série que cursa, colegas e professores preferidos, espaço físico.

Minha Rotina: o que faço de manhã, a tarde e a noite.

ESPECIFICIDADES DE GRUPOS COM ADOLESCENTES

É difícil definir com exatidão o início e o final da adolescência. A Organização Mundial da Saúde estipula que esta fase vai dos 10 aos 20 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência é considerada o período entre os 12 e os 18 anos de idade.

6.1 CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS

A adolescência é uma fase marcada por turbulências, transformações, conflitos, dúvidas, experimentações, transgressões e conquistas.
Nesta fase, a transformação da identidade está a pleno vapor. Nesse movimento, o adolescente busca aquilo que lhe é desconhecido. Sua principal referência deixa de ser o núcleo familiar e ele passa a buscar, fora da casa ou do abrigo, aquilo com que se identifica e novas experiências.

É comum na adolescência o desejo de testar tudo e todos, desafiando tanto a autoridade dos adultos como os seus próprios limites individuais. É geralmente através da oposição que o adolescente constrói sua identidade. A descoberta do que "não sou" é um grande passo na definição de "quem sou".

Os comportamentos "indesejáveis" do adolescente, como bater a porta, gritar, mentir, xingar ou fugir são, além de manifestações de oposição, formas de comunicação. Quando o adulto entende tais atitudes como enfrentamentos pessoais, não ajuda o adolescente. Quando as ignora, é como se os atos do adolescente não produzissem efeitos no mundo e a tendência é que ele se imponha, buscando atos de maior impacto. É preciso validar os eventos como algo que causa um efeito no outro e no mundo, muitas vezes indesejável, mas sem responder ao fato de forma pessoal ou agressiva. É importante buscar entender o sentido desses comportamentos, ter uma resposta adequada e reafirmar as regras de convivência.

Nessa fase, o grupo de amigos passa a ser a referência mais forte, pois nele pode-se encontrar sensação de pertencimento, de identificação, de igualdade e de aceitação. Pertencer a um grupo dá segurança e confiança.

PARA PENSAR

Jeferson, adolescente de 13 anos, participa dos grupos ativamente, contribuindo com suas idéias, percepções sobre o mundo e sua história. Escreve no seu álbum sozinho e quando termina de fazer sua página a compartilha com o grupo. Porém, em alguns encontros, porta-se de modo mais infantil, pedindo que a facilitadora faça para ele a página no seu álbum, provocando os colegas, mudando inclusive sua postura física.

No grupo, pode acontecer de um adolescente ora se portar de modo maduro, ora parecer ser uma criança dependente. Jeferson está experimentando esses diferentes lugares, desenvolvendo sua autonomia, e em alguns momentos tem a necessidade de certificar-se de que ainda pode depender do adulto. Para ele, é importante saber que pode confiar no adulto, que este ainda é a sua referência, para que possa continuar na sua busca por autonomia e maturidade. Pode parecer desnecessário, por exemplo, escrever para um menino que já escreve. Porém, neste momento, o que está em jogo é esse gesto, é mostrar para o garoto que existe essa possibilidade, que é possível contar com o adulto.

NO MEU RITMO

No primeiro dia, Denis, de 16 anos, nem quis ver o que era o Fazendo Minha História. Disse que odiava qualquer tipo de história. No segundo dia, Denis permaneceu 10 minutos observando o encontro. No terceiro dia, observou por 30 minutos e no quarto esteve presente o grupo inteiro. No quinto dia de grupo, Denis me pediu um álbum, para começar a fazer sua história.

Mahyra, técnica do FMH

6.2 NO GRUPO DO FMH

Os encontros do FMH são um espaço seguro para que os adolescentes possam expressar suas dúvidas e conflitos, experimentar novos modos de se comportar, exercer a oposição, ter modelos de identificação, contando com a mediação do facilitador.

A maneira como cada adolescente se aproxima do grupo é muito particular. Muitos dizem, já em um primeiro momento, que não querem participar dos encontros. Quando isto acontece, é fundamental que os adultos, além de entenderem a oposição como parte do desenvolvimento e afirmação da identidade, tenham segurança para lidar com o ritmo de cada um e que sejam compreensivos com as escolhas dos adolescentes.

Através da experiência do FMH, observa-se que à medida que os adolescentes observam alguns encontros, sentem-se representados pelas propostas de atividades e adquirem confiança para estar presente no grupo de acordo com suas possibilidades (tem alguns que não querem falar, outros que só querem desenhar...). De modo geral, percebe-se que a maioria deles acaba por participar do FHM e tira bom proveito dos encontros.

O facilitador de um grupo de adolescentes deve reconhecer e valorizar explicitamente as potencialidades de cada um. A aposta verdadeira no potencial apresentado pelo adolescente favorece a construção de um projeto de vida consistente.

O grupo de jovens dá dicas ao facilitador sobre o que é interessante trabalhar e o planejamento do adulto deve levar em consideração estes pedidos implícitos e explícitos de temas e atividades. Algumas questões, tais como as relacionadas à sexualidade e ao projeto de vida, surgem com mais intensidade em grupos de adolescentes.

Também é possível propor a um adolescente que, além de participar do grupo dos jovens, integre o grupo de crianças ocupando um lugar diferenciado como assistente do coordenador, mediador de leitura ou alguém que ajuda no momento de escrever nos álbuns. Assim, é oferecida a ele a possibilidade de exercer outros papéis, assumir novas responsabilidades, reconhecer e explorar suas potencialidades e perceber que o adulto confia e conta com ele.

AQUI E AGORA

Trabalhava com um grupo de oito adolescentes, meninos e meninas, e sempre que propunha um tema relacionado ao resgate de memórias e da história não tinha sucesso. No entanto, percebi que quando abordava questões presentes no cotidiano (passeios, sexo, ídolos, futebol...) eles se interessavam e se envolviam com a atividade. Assim, deixei um pouco de lado o registro dos acontecimentos do passado. O grupo fluía bem, mas me sentia em dívida com o Fazendo Minha História, já que o eixo do projeto é o resgate da história. Essa sensação só melhorou quando percebi que os adolescentes, ao falarem sobre seus projetos futuros, relacionamentos e gostos, estão "automaticamente" revendo e repensando a própria história.

Mahyra, técnica do FMH

PARA PENSAR

Freqüentemente proponho atividades no grupo de adolescentes e eles as rejeitam, dizem que é "chato" e que não querem participar. Tento construir junto a eles outra proposta, mas mesmo assim, não conseguem dizer o que gostariam de fazer.

Neste caso, o que está em jogo não é necessariamente o gosto ou não por uma determinada atividade, mas a possibilidade de o adolescente se afirmar através da oposição ao que é proposto por parte do adulto. Opor-se faz parte do desenvolvimento da identidade do adolescente, ou seja, negar, rebelar-se, rejeitar a ordem existente e contestar a autoridade e as regras vigentes. Portanto, é importante que o facilitador suporte esse movimento dos adolescentes e permita que se oponham quando não comprometer as relações e as regras básicas do grupo, como não agredir o outro (verbal e fisicamente). Mesmo que seja difícil, vale persistir na pergunta sobre a vontade do grupo, legitimando seus interesses.

PLANEJAMENTO E ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO

O espaço de troca entre a equipe permite a construção de reflexões coletivas, garantindo um trabalho de qualidade com as crianças e adolescentes. É uma oportunidade de cuidar daquele que cuida, de ouvir as histórias pessoais desses educadores e ajudá-los a discriminar os sentimentos relativos às suas vivências, de modo que possam falar sobre elas em um espaço reservado para si mesmo, evitando que sejam predominantes na condução dos grupos.

A principal função dos espaços de troca e supervisão é refletir a respeito do trabalho que vem sendo realizado no que diz respeito aos comportamentos dos membros do grupo, ao relacionamento entre eles, às histórias compartilhadas e à atuação do facilitador. Este desempenha um papel essencial para as crianças e adolescentes e, portanto, é necessário ter clareza do seu lugar no grupo, pois é comum ocorrerem misturas entre o conteúdo trazido pelos integrantes e o conteúdo do próprio facilitador.

Para tais reflexões, é importante que o facilitador registre as atividades desenvolvidas, as observações acerca da dinâmica grupal e do desenvolvimento individual de cada participante, bem como as idéias que surgiram a partir do que foi observado.

Segue um modelo que tem se mostrado eficaz para os registros feitos após cada grupo.

Data:

Facilitador:

Participantes:

Atividade:

Observações e Reflexões:

Para o próximo encontro:

Caso o grupo possua mais de um facilitador, o adequado é que todos os registros sejam feitos em um único caderno, pois, assim, é possível promover trocas entre os facilitadores, sem repetir atividades.

Como cada facilitador planeja a atividade que gostaria de desenvolver com o grupo sob sua coordenação, o que será escrito no item "para o próximo encontro" não necessariamente será o apresentado às crianças e adolescentes na semana seguinte, e sim a atividade proposta no próximo grupo com a presença do mesmo facilitador.

CONVERSANDO COM A EQUIPE

No grupo, eu não sabia como lidar com Juliana, uma criança que fazia muita bagunça. Dei várias broncas e de nada adiantou. Quando fui conversar com a equipe de educadores, descobri que outros colegas tinham a mesma dificuldade. Também descobri que Juliana se acalmava na presença de Sofia, a cozinheira da casa que costumava chegar bem pertinho dela, tocar-lhe os braços e falar coisas ao ouvido. Com essa dica, passei a lidar melhor com as manifestações de Juliana.

Eleonor, educadora

PARA PENSAR

Lúcia, facilitadora de um grupo de seis crianças do FMH, ficava muito incomodada quando Patrícia chorava durante os encontros.

Na supervisão, Lúcia se deu conta de que achava choro sinal de fraqueza e que carregava uma concepção, enraizada em sua família, de que não era bom chorar na frente de outras pessoas. A partir dessa percepção, Lúcia passou a acolher os choros de Patrícia e os grupos fluíram melhor.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

A seguir estão organizadas algumas indicações de leituras que podem contribuir para aprofundar a compreensão do trabalho e seus princípios. Especialistas de diversas áreas trazem conceitos que nos ajudam a entender a importância do trabalho em grupos, estratégias para lidar com diversas situações, além de atividades sistematizadas que abordam diversos temas. Seguem também indicações de CDS com músicas que podem ser um recurso interessante para a realização dos grupos. Boa leitura!

O TRABALHO COM GRUPOS – TEORIA E PRÁTICA

100 jogos para grupos - Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas

Autor: Ronaldo Yudi K. Yozo

Editora: Ágora

O livro fundamenta-se na teoria do Psicodrama, de J. L. Moreno e pode ser utilizado por todos os profissionais que trabalham com grupos. Além de apresentar os cem jogos, os classifica de acordo com o momento do grupo, sendo, portanto, extremamente didático. Um guia interessante para ser utilizado no planejamento das atividades.

Aprendendo a ser e a conviver

Autor: Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro

Editora: Fundação Odebrecht, FTD, 1999.

Focado no trabalho com adolescentes, este livro é um guia interessante para planejamento e organização de atividades de acordo com diferentes temas. As técnicas são divididas em identidade, integração, comunicação, grupo, sexualidade, cidadania, projeto de vida e jogos para formação de subgrupos.

Dinâmicas de grupo para adolescentes

Autor: Elis Palma Priotto

Editora: Vozes

Utilizando atividades educativas de prevenção, ética, cidadania, profissionalização e promoção à saúde, esta obra traz uma abordagem biopsicossocial e cultural. Sua principal meta é oferecer aos educadores atividades onde o grupo possa dialogar, questionar e compartilhar conhecimentos a fim de que haja espaço para transformações, erros, diferenças e colaboração mútua para a criatividade.

Jogos dramáticos

Autor: Regina Forneaut Monteiro

Editora: Ágora

Este livro contém muitas possibilidades de atividades e jogos para serem realizados no grupo, principalmente com os adolescentes.

O processo grupal

Autor: ENRIQUE PICHON-RIVIÈRE

Editora: WMF MARTINS FONTES

Este livro contém trabalhos do psicanalista Pichon-Rivière, que em sua teoria desenvolveu contribuições e conceitos importantes sobre o trabalho com grupos, tornando-se referência importante no assunto.

Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e sociodrama v. 1, 2 e 3.

Autor: Jacob Levy Moreno

Editora: Dimensão

Este livro de Jacob Levy Moreno, criador do Psicodrama, sistematiza toda sua teoria sobre o trabalho com grupos, o estudo das relações e possibilidades de intervenção neste contexto.

LIVROS SOBRE ADOLESCÊNCIA

A adolescência

Coleção: Folha Explica, 4

Autor: Contardo Calligaris

Editora: Publifolha

Doutor em psicologia clínica e psicanalista, o autor pensa a adolescência como uma das formações culturais mais poderosas de nossa época, com todas as suas nuances, enigmas e superações.

Adolescer

Autor: JOSE OUTEIRAL

Editora: REVINTER

O autor e psicanalista relata sua experiência clínica com adolescentes e as teorizações daí decorrentes, que podem contribuir para uma interlocução com todos aqueles que se interessam pelo tema, sejam profissionais da área da saúde e da educação, adolescentes ou pais.

FILMES – SUGESTÕES QUE EXPLORAM O UNIVERSO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

As melhores coisas do mundo

Direção: Laís Bodansky, 2010

Ficção sobre a adolescência aborda temas universais, trazendo os anseios, paixões e angústias dos jovens desta faixa etária.

O contador de histórias

Direção: Luiz Villaça, 2009

Filme baseado na vida de Roberto Carlos Ramos, pedagogo e contador de histórias que em sua infância passou por vivências de abandono, violência e situação de rua. História real de conquistas e superações, o filme permite trabalhar com as crianças e adolescentes questões referentes a suas histórias e seus projetos de vida.

O menino maluquinho

Direção: Helvécio Ratton, 1994

Baseado no livro de Ziraldo, traz um outro olhar sobre a mesma história, explorando as relações, as brincadeiras e aventuras do menino maluquinho e seus amigos.

O pequeno Nicolau

Direção: Laurent Tirard, 2009

Baseado na coleção de livros "O pequeno Nicolau", dos autores franceses Sempe e Goscinny, é um filme divertido e indicado para todas as idades. Aborda o universo infantil, trazendo o cotidiano e as brincadeiras de Nicolau e seus amigos na escola.

Pro dia nascer feliz

Direção: João Jardim, 2004

Documentário sobre o tema da educação no Brasil, o filme discute também a questão da desigualdade social e da relação do adolescente com a escola.

MÚSICA – INDICAÇÕES DE CDS PARA O TRABALHO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Adriana Partimpim

Lançado em 2004, é o primeiro trabalho da cantora Adriana Calcanhoto voltado para o público infantil. As canções trazem a possibilidade de diversão, trabalho com diferentes temas, além do contato com ritmos variados.

Músicas Daqui Ritmos do Mundo - Zezinho Mutarelli & Gilles Eduar

O disco vem em formato de livro capa dura, repleto de ilustrações narrando a estória de três amigos que saem pelo mundo em busca de músicas com ritmos diferentes.

Os Saltimbancos - Chico Buarque

As músicas de Chico Buarque, criadas para o teatro em uma adaptação da história clássica "Os músicos de Bremen", são altamente recomendadas para todas as crianças. As canções contam a aventura de uma galinha, um cachorro, um jumento e uma gata que decidem ir à cidade grande para tentar a sorte como cantores.

Palavra Cantada

O Selo Palavra Cantada existe desde 1994, quando os músicos Sandra Peres e Paulo Tatit propuseram-se a criar canções infantis dentro de um novo padrão de qualidade que julgavam merecer as crianças de nossos dias. Dentro dessa perspectiva, procuraram elevar a música infantil a um patamar superior construindo suas melodias, letras e arranjos com extremo cuidado e minuciosidade. Aqui são indicados alguns de seus CDs, mas todos deste selo são recomendados.

Cantigas de Roda (1998) – Canções Folclóricas do Brasil

Cantigas de Roda é um disco bem humorado, que revisita cantigas e parlendas infantis tradicionais, com um toque bastante contemporâneo e particular.

Pé com pé

Uma viagem pela imensa profusão dos ritmos brasileiros. São dois CDs acompanhados de um libreto. O CD Pé com Pé é composto por 15 canções, onde cada uma delas é dedicada a um ritmo específico da nossa tradição musical. E o segundo CD, o Pé na Cozinha, tem as mesmas faixas, só que reinterpretadas apenas instrumentalmente.

Canções Curiosas

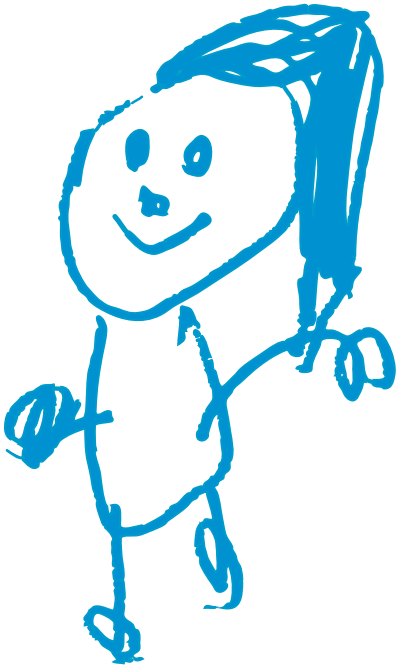
CD dedicado a temas que rondam o imaginário das crianças e dos pré-adolescentes. Recebeu o Prêmio SHARP 1998.

Pequeno Cidadão - Vários Artistas

Arnaldo Antunes, Edgard Scandurra, Taciana Barros e Antonio Pinto rotulam esse trabalho musical como Música Psicodélica para Crianças. O álbum tem letras que falam dos primeiros pepinos existenciais do ser humano, como a difícil hora de largar a chupeta e a obrigação versus diversão. Ainda, são cantados temas como a dor-de-cotovelo, problemas de criança que podem ser carregados até a idade adulta. Além de conscientizar, Pequeno Cidadão coloca as crianças em contato com estilos que vão do pop ao forró.

Vinicius de Moraes - Arca de Noé 1 (1980)

Neste CD, as composições de Vinicius de Moraes são cantadas por grandes nomes da MPB como Chico Buarque, Elis Regina, Moraes Moreira e Toquinho, entre outros.



CRÉDITOS

Realização

Instituto Fazendo História

Coordenação

Cláudia Vidigal

Tatiana Barile

Produção de conteúdo

Júlia Eid

Mahyra Costivelli

Taísa Martinelli

Supervisão técnica

Maria de Lourdes Trassi Teixeira

Fotos

Acervo Instituto Fazendo História

Projeto Gráfico e diagramação

Luciana Sion

Ilustrações

Crianças do Fazendo Minha História

Gil Soares de Mello

Stella Sion Fernandes

Financiadores

Fundo Itaú Excelência Social – FIES

Instituto Azzi

AGRADECIMENTOS

A todos que nos ajudaram a pensar o trabalho em grupos, em especial às crianças, adolescentes e equipes das oito casas da Obra Social Dom Bosco, Casa Dom Luciano, Taiguara e Aldeia SOS Rio Bonito.

instituto
fazendohistória

Rua Alberto Faria, 1308 – Alto de Pinheiros
São Paulo – SP – 05459 001 – Brasil
Tel/fax: (11) 3021-9889
E-mail: contato@fazendohistoria.org.br
www.fazendohistoria.org.br

instituto
fazendohistória